

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

KETIENE MOREIRA DA SILVA

PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DE ARTIGOS
PUBLICADOS EM PERIÓDICOS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO.

SÃO CARLOS
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

KETIENE MOREIRA DA SILVA

PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DE ARTIGOS
PUBLICADOS EM PERIÓDICOS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Emília Freitas de Lima

SÃO CARLOS
2015

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586p Silva, Ketiene Moreira da
Prática pedagógica na educação infantil : análise de artigos publicados em periódicos da área de educação / Ketiene Moreira da Silva. -- São Carlos : UFSCar, 2016.
81 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2015.

1. Educação infantil. 2. Prática pedagógica. 3. Linguagens. I. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Ketiene Moreira da Silva, realizada em 27/11/2015:

Profa. Dra. Emília Freitas de Lima
UFSCar

Profa. Dra. Mara Silvia Aparecida Nucci Morassutti
UFSCar

Profa. Dra. Maristela Angotti
UNESP

Profa. Dra. Andrea Braga Moruzzi
UFSCar

*Olho com curiosidade ao redor.
Não foi sonho, não.
É verdade.*

Janusz Korczak (1981)

Dedico este trabalho aos animais que sonhavam aquecendo meus pés enquanto eu o escrevia: Lola e Teca (em memória).

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Carlos (PPGE- UFSCar).

Agradeço com admiração à minha orientadora Prof^a Dr^a Emília Freitas de Lima. Foi uma honra ser sua aluna no curso de Mestrado em Educação e sua orientanda.

Minha gratidão pelas contribuições da Prof^a Dr^a Maristela Angotti para a realização deste trabalho.

Agradeço à Prof^a Dr^a Andrea Braga Moruzzi por suas sugestões na banca de qualificação e por todo processo formativo que tive ao seu lado enquanto pesquisadora na Unidade de Atendimento à Criança (UAC- UFSCar).

Aos meus avós, pais e irmãs, pelo exemplo de resiliência no decorrer de nossos percursos.

Com imenso carinho, agradeço a compreensão das meninas que educo, brinco e cuido todos os dias desde o nosso primeiro encontro, minhas filhas: Juliana e Luísa.

Aos amigos, pessoas tão especiais que estão sempre dispostas em compartilhar desafios e alegrias. Amigos grandes, pequenos e tão diversos que me surpreendem com as poesias do cotidiano.

Obrigada pelo apoio de cada um de vocês para a realização deste sonho que se tornou realidade.

RESUMO

O percurso histórico do atendimento educacional institucionalizado para crianças no Brasil resultou na proposta pedagógica que os documentos normatizadores elaborados pelo Ministério da Educação (MEC) orientam atualmente para práticas pedagógicas de modo a assegurar: o educar, o cuidar e o brincar nas creches e pré-escolas - eixos que determinam condições fundamentais para a socialização e desenvolvimento das linguagens infantis. Propomos nesta pesquisa qualitativa, a reflexão sobre a prática pedagógica na Educação Infantil, após cinco anos da publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), realizando uma pesquisa bibliográfica em dezoito periódicos acadêmicos da área de educação classificados no Qualis A 1 e Qualis A2, com o objetivo de identificar por meio de buscas em suas bases de dados, o que dizem as publicações de artigos científicos a respeito dos descritores *educar, cuidar, brincar e linguagens*.. Os doze artigos que identificamos nos periódicos debatem temas que podemos identificar nas diretrizes curriculares como as especificidades do trabalho pedagógico para a educação infantil, sobre o período de transição da educação infantil para o ensino fundamental, a aquisição da linguagem escrita, as relações de poder que grupos de crianças estabelecem na educação infantil, a perspectiva higienista associada ao cuidar, as subjetivações no processo do brincar e o uso diversas linguagens infantis.

Palavras-chave: Educação Infantil, prática pedagógica, linguagens

ABSTRACT

Historical background of educational services for institutionalized children in Brazil resulted in the pedagogical proposal that the regulatory documents drawn up by the Ministry of Education (MEC) currently guiding pedagogical practices to ensure: educating, caring and playing in daycare centers and pre- schools - axes that determine the fundamental conditions for the socialization and development of children's language. We propose in this qualitative research, reflection on teaching practice in early childhood education, after five years of publication of the National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education (BRAZIL, 2010), performing a literature search in eighteen academic journals in the field of education classified in Qualis A 1 and Qualis A2, in order to identify through searches of their databases, publications of scientific articles with the following descriptors: education, care, play and languages. The results we found are described and analyzed in the body of this research. The twelve items identified in the periodic debate issues that can be identified in the curriculum guidelines as the specifics of educational work for children's education on the transition from preschool to elementary school, the acquisition of written language, the power relations that groups of children set in early childhood education, the hygienist perspective associated with the care, the subjectivities in the process of playing and use different languages for children.

Key words: Early childhood education, teaching practice, languages

.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Quantidade de artigos publicados nos periódicos Qualis A1 E A2 identificados pela busca com os descritores: educar, cuidar, brincar e linguagens	33
--	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Periódicos Qualis A1 e respectivas instituições	33
QUADRO 2 - Periódicos Qualis A2 e respectivas instituições	33
QUADRO 3 - Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis A1 com o descritor educar no recorte temporal considerado para a pesquisa.....	34
QUADRO 4 - Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis A1 com o descritor cuidar no recorte temporal considerado para a pesquisa	36
QUADRO 5 - Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis A1 com o descritor brincar no recorte temporal considerado para a pesquisa.....	36
QUADRO 6 - Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis A1 com o descritor linguagens no recorte temporal considerado para a pesquisa	37
QUADRO 7 - Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis A2 com o descritor educar no recorte temporal considerado para a pesquisa.....	39
QUADRO 8 - Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis A2 com o descritor cuidar no recorte temporal considerado para a pesquisa	40
QUADRO 9 - Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis A2 com o descritor brincar no recorte temporal considerado para a pesquisa.....	41
QUADRO 10 - Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis A2 com o descritor linguagens no recorte temporal considerado para a pesquisa	42
QUADRO 11 - Artigos selecionados no recorte temporal da pesquisa, de 2010 até 2015, considerando descritores, anos de publicação, periódicos de origem, títulos, autores e classificação em Qualis A1 e Qualis A2.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1- ENTRE O PERCURSO HISTÓRICO E A PRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	16
1.1 Educação Infantil.....	16
1.1.1. As instituições infantis	18
1.1.2. Políticas de Educação Infantil no Brasil	21
1.2. Educar, cuidar, brincar e linguagens na Educação Infantil.....	26
CAPÍTULO 2 – ABORDAGEM METODOLÓGICA	31
2.1. Artigos selecionados nos periódicos Qualis A1	34
2.2. Artigos selecionados nos periódicos Qualis A2.....	38
CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO DOS DADOS	46
3.1. Apresentação dos resumos dos artigos selecionados	46
3.2. Análise dos artigos segundo as categorias	65
3.2.1. Educar	65
3.2.2. Cuidar.....	67
3.2.3. Brincar.....	68
3.2.4. Linguagens.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

Estava no receituário de um pediatra em 1981 a seguinte prescrição: Educação Infantil, cinco vezes por semana. Minha mãe leu atentamente a composição deste novo tratamento e, mesmo insegura, cumpriu a recomendação médica. Protestei nos primeiros onze meses de inserção. Não obtive sucesso e adquiri a habilidade de representar adoecimentos, que eram presenteados com passeios em consultórios médicos. Assim, iniciei outras formas de protesto com esconderijos pelos mais diversos espaços na escola. Não havia nada mais divertido que brincar de desaparecer enquanto os adultos me procuravam. Não gostava de fazer bolinhas de papel crepom, mas gostava de diluí-las em qualquer quantidade de água disponível nas torneiras, nos bebedouros ou em poças de água. Alguns materiais eu julgava interessantes demais para serem todos colados em folhas de papel. Para isso, eu precisava aguardar o momento oportuno de abrir uma torneira ou desbravar o parque. E não era um parque qualquer, havia uma tartaruga, a Mariazinha, amiga confiante, interessante e muito parecida comigo nos períodos de hibernação ou quando fugia do espaço que reservavam para ela. Eu não compreendia a lógica da instituição, resistia cotidianamente à rotina escolar e os adultos afirmavam que eu não gostava da escola. A pré-escola era sinônimo de: protesto, choro e de um “longo meio período”. Eu precisava cantar, desenhar e até mesmo me alimentar quando não desejava. O parque era o único espaço onde o corpo era conduzido pelos desejos e experiências como o movimento dos cabelos nos balanços, a observação de formigas e a liberdade para brincar. Suponho que a instituição era fascinante por cerca de trinta minutos nos dias ensolarados, onde a chuva ou o frio não impedia o uso do parque aberto. Fui bem acolhida nas minhas inquietações durante os três anos na Educação Infantil e me adaptei com facilidade ao ensino fundamental, surpreendendo as expectativas dos meus pais e professoras.

Após duas décadas, retornei voluntariamente para a Educação Infantil, com as vivências pessoais e meus pressupostos sobre lazer, que adquiri no curso de Turismo e Hospitalidade. Minha função era desenvolver propostas recreativas com as crianças que permaneciam em tempo integral, no contra período do pedagógico, com uma turma mista de crianças da Educação Infantil

e ensino fundamental. Foi refletindo sobre como transformar os espaços, as rotinas do tempo livre, que me inseri nos diálogos com as crianças como recreacionista, me reconhecendo diariamente em suas falas, choros e descobertas. Senti imenso receio em ver minhas vivências reproduzidas e me propus à elaboração de planejamentos que estivessem bem próximos de suas necessidades ou que lhes pudessem causar encantamento. Um intenso exercício de ouvir as linguagens da infância. Aprendi a me comunicar com as crianças, cursei a Licenciatura em Pedagogia e as vivências na escola me acompanharam nos últimos dez anos. Enquanto reflito sobre as motivações que me conduziram a desenvolver uma pesquisa que pretende dialogar sobre os eixos da prática pedagógica na Educação Infantil, posso constatar que a indicação médica em 1981 era um tratamento de longo prazo e talvez sem cura.

Fui percebendo que os aparatos legais, o movimento feminista, as diversas concepções que foram surgindo sobre a criança e a infância incitaram o debate sobre a identidade da Educação Infantil e o conflito que se estabelece ao associá-la com a pedagogia escolar. Assim, ocorrem indagações sobre que conhecimentos e saberes estão presentes nesta etapa da educação e sobre como conduzir a prática pedagógica com as crianças.

Estas questões permeiam as trajetórias da Educação Infantil desde os primeiros jardins-de-infância de Friederich Fröebel. A relevância do lúdico no trabalho pedagógico com a primeira infância é destacada por Tizuko Morchida Kishimoto (1986) em sua pesquisa de doutorado sobre a influência do pensamento de Fröebel na história das primeiras pré-escolas em São Paulo até 1940. A Educação Infantil vai adquirindo identidade, constituindo leis e rompendo com as ideologias assistencialistas e “escolares”. Esta identidade, refletida no trabalho específico com as crianças, suscitou nosso interesse sobre como as propostas pedagógicas são desenvolvidas, sobre quais aspectos são primordiais para desenvolver o trabalho nesta etapa da educação. Acreditamos que cuidar, educar e brincar na Educação Infantil são práticas indissociáveis, fundamentais para o desenvolvimento de bebês e crianças. A permeabilidade destas práticas se acentua ou não conforme as interpretações que fazemos das concepções de criança, infância e Educação Infantil.

Foi dessa problemática descrita que se originou nosso interesse em responder a seguinte questão de pesquisa: ***o que dizem os trabalhos***

publicados em periódicos da Área de Educação classificados como Qualis A1 e A2, nos últimos cinco anos, sobre a prática pedagógica na Educação Infantil?

Refletindo sobre os anos decorridos desde a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2010), consideramos para a pesquisa o recorte temporal de artigos publicados de 2010 até 2015 em dezoito periódicos da educação classificados no Qualis A1 e Qualis A2 com o objetivo de verificar como abordam os conceitos de educar, cuidar, brincar e as linguagens.

A pesquisa tem caráter exploratório e sua abordagem metodológica é de natureza qualitativa. O método empregado é o da pesquisa bibliográfica, desenvolvida segundo procedimentos indicados por Lima e Miotto (2007).

Para a realização da pesquisa, e coerentemente com a questão que a norteia, o presente relatório identificou e analisou todos os artigos publicados nos periódicos classificados na avaliação Qualis/CAPES como A1 e A2 que se coadunassem com os seguintes descritores: educar, cuidar brincar e linguagens. Destes, extraímos para compor o *corpus* da pesquisa, a análise de doze artigos que abordavam especificamente o trabalho pedagógico na Educação Infantil.

Esclarecemos que o fato de os descritores terem sido usados em sua forma verbal, e não substantivada (educação, cuidado, brincadeira) teve consequências importantes para os resultados da pesquisa, como será analisado nas Considerações Finais.

Esta pesquisa pretende contribuir para que a Educação Infantil assuma cada vez mais uma prática pedagógica pautada nos eixos indicados por seus documentos legais e norteadores, que estabelecem que as vivências e aprendizagens ocorram respeitando as especificidades da criança¹ e suas linguagens para educar, cuidar e brincar.

No primeiro capítulo abordamos o processo histórico da Educação Infantil destacando como as instituições infantis se constituíram através das políticas públicas e como se consolidaram os eixos da prática pedagógica de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010).

¹ Nesta pesquisa os termos “cultura infantil”, “infância” e “criança” serão empregados no singular, já que a infância é aqui considerada como uma categoria geracional, com base em Ariès (1961).

O segundo capítulo descreve o processo metodológico da pesquisa realizada em dezoito periódicos da área de Educação classificados como Qualis A 1 e Qualis A 2. As buscas em tais periódicos foram feitas a partir dos descritores *educar*, *cuidar*, *brincar* e *linguagens*, entendidos como eixos da prática pedagógica e considerados como categorias de análise dos trabalhos.

O terceiro capítulo apresenta os doze artigos selecionados no recorte temporal que propusemos para esta pesquisa (2010 a 2015), apontando os principais aspectos que seus autores mencionam sobre os quatro eixos da prática pedagógica considerados. Em seguida, os dados obtidos são analisados quanto ao conjunto dos quatro eixos da prática pedagógica na Educação Infantil.

As considerações finais apontam as sinalizações possibilitadas pelos trabalhos analisados, a respeito do educar, do cuidar, do brincar e das linguagens na prática pedagógica com a criança pequena.

CAPÍTULO 1

ENTRE O PERCURSO HISTÓRICO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Os processos que compõem a identidade da Educação Infantil e as relações que se estabelecem com a prática pedagógica com a criança são as reflexões que trazemos para este capítulo onde buscamos contextualizações históricas, as especificidades das instituições infantis e as políticas educacionais que caracterizam e articulam as propostas pedagógicas que permeiam o educar, cuidar e brincar através de diversas linguagens.

A fim de estabelecer as bases para o debate proposto nesta dissertação, faz-se necessário pontuar as inquietações que trazemos sobre a Educação Infantil, e como nos conduziram para o desenvolvimento de uma pesquisa sobre a prática pedagógica com a criança. Deste modo, a elaboração deste capítulo reflete o desafio de compor um esboço reflexivo das transformações sociais que ocorrem, conforme as concepções de criança e infância se transformam. Destacamos marcos legais e pesquisas que buscaram elucidar como se estabeleceu o campo da Educação Infantil com os eixos da prática pedagógica que reconhecemos atualmente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) sobre educar, cuidar e brincar nas creches e pré-escolas.

1.1. Educação Infantil

A Educação Infantil é a etapa da Educação Básica que se destina ao atendimento de bebês e crianças, conforme a Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996). Desempenha função social e política, ao inserir a criança em processos de educação em espaços coletivos, com um trabalho pedagógico que permeia aprendizagens sobre cidadania, cultura e sociedade. Sua função política se concentra principalmente no âmbito de agenciar “políticas para a infância” e socializar a criança em propostas educacionais que promovam o desenvolvimento da identidade, da promoção da igualdade de gêneros e ampliação dos saberes e acesso aos bens culturais, conforme o Parecer

CNE/CEB nº 20/2009 (BRASIL, 2009), que fornece os fundamentos para a Resolução MEC/SEB nº 5/2009 (BRASIL, 2009).

A educação infantil coletiva está estreitamente relacionada com as concepções de infância e criança. A pesquisa iconográfica desenvolvida por Phillipe Ariès (1961), historiador francês, destaca as primeiras representações sociais da criança e da família na Europa, exemplificando como a infância vivenciou um longo período de ausência e rejeição, sendo negada sua participação social. O autor descreve também o início do surgimento do “sentimento de infância” e o conseqüente reconhecimento das crianças como constitutivas de um grupo geracional que se diferencia dos demais grupos. A criança é diferenciada do adulto e lentamente se consolidam políticas públicas para a infância nessa direção.

Nessa trajetória descrita por Ariès (1961) identifica-se que da Antiguidade até o século XII, a criança era ausente dos registros históricos ou representada com negação. Entre os séculos XVII e XVIII, a criança é representada como um adulto em miniatura e tratada com “paparicação”. No século XVIII, a criança é diferenciada dos adultos por sua inocência, obtém o direito a preservação e ocorrem transformações sociais significativas. As modificações nas dinâmicas sociais contribuem para que a criança vá, lentamente, sendo considerada como sujeito de direitos, o que impulsionou a luta pela universalização da educação para a criança. Esta foi, então, adquirindo o direito social da proteção, provisão e participação.

Entre os marcos legais mais referenciados para a universalização dos direitos da criança, destacamos a Declaração de Genebra, em 1924, feita pela Liga das Nações e a Declaração Universal dos Direitos das Crianças, em 1959, pela Organização das Nações Unidas - ONU, que estabelecem a proteção às crianças.

Com relação ao estudo deste tema no Brasil, a pesquisa histórica de Moysés Kuhlmann Jr (1998) sobre a infância e a Educação Infantil enfatiza como o campo vem sendo construído, questionando a concepção presente nos primórdios de tal construção, de que as instituições supriam apenas as políticas assistencialistas. Foram as transformações nas relações familiares, o aspecto jurídico, o contexto econômico e a aquisição do conhecimento sobre o desenvolvimento da criança que compuseram um cenário indicativo de como a

criança adquiriu lentamente a participação social e o direito à educação que culmina no direito à Educação Infantil.

Do ponto de vista legal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996) estabelece que o termo Educação Infantil agrupa a creche – que atende crianças de zero até três anos – e a pré-escola, responsável pelo acolhimento de crianças de três até cinco anos e onze meses de idade, como um dever do Estado em garantir a sua oferta pública, gratuita e de qualidade, sem critério de seleção. Nas instituições de Educação Infantil, é previsto que a criança tenha seu desenvolvimento acompanhado por profissionais graduadas em pedagogia ou com o curso específico do magistério em nível superior. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) definem esta etapa educacional como:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade, no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (BRASIL, 2010, p. 12)

Com o desenvolvimento do sentimento de infância e do direito da criança à educação, vimos surgir um conjunto de diferentes instituições voltadas para o atendimento e educação das crianças. Esse tema será abordado a seguir.

1.1. 1. As primeiras instituições de atendimento à criança

A primeira instituição de atendimento à infância, conforme a pesquisa de Moyses Kuhlmann Jr (1998), surgiu na Itália no século XVI e logo se difundiu por toda a Europa. Era uma política pública que se dedicava ao atendimento de crianças abandonadas ou em extrema situação de pobreza: os asilos, ou “Roda dos Expostos”, e se atribuíam este nome justamente porque as crianças eram colocadas em um equipamento giratório, do lado externo da instituição, e recolhidos do lado interno, ao toque de uma campainha. Assim, era possível a um adulto conduzir a criança abandonada para ser acolhida no interior da instituição, sem a necessidade de identificação de ambos. As crianças permaneciam nestes abrigos em tempo integral, mas em condições precárias de

atendimento que culminavam em altos índices de mortalidade. Com a crescente industrialização e a inserção da mulher no mercado de trabalho, houve um aumento gradativo de abandonos e crianças que permaneciam o dia todo nas ruas sem cuidado e proteção. Surgem, então, as instituições que atendiam crianças em períodos parciais, enquanto suas mães trabalhavam. Estas eram caracterizadas como instituições assistencialistas, creches ou escolas maternas porque se destinavam ao cuidado de crianças de mães trabalhadoras. Conforme Kuhlmann Jr (Ibid.), as propostas nas creches ultrapassavam a intencionalidade de apenas assistir crianças pobres, mas de educá-las sobre como deveriam se comportar, higienizar, tendo, além desses, o objetivo de civilizar e sobrepor a cultura de um grupo social que se favorecia do uso do poder sobre as culturas das classes trabalhadoras.

Portanto, até o fim do século XVII, a iniciativa de acolher crianças com a intencionalidade de protegê-las do abandono ou do desenvolvimento “inadequado” nas ruas ou com suas famílias, impulsionou as primeiras práticas de atendimento institucional para as crianças que eram fortemente sustentadas pelas políticas médicas, jurídicas, religiosas e sociais. A infância era considerada como uma questão social e suscitou o debate em nível internacional sobre as instituições infantis e a educação de crianças.

Na Alemanha, Friederich Fröebel, inspirado nas concepções de Johann Heinrich Pestalozzi no século XVIII, que propõe a ideia de uma prática pedagógica na qual a espontaneidade, as manifestações criativas, os jogos, as vivências e as linguagens são aspectos relevantes para a educação de crianças. Inaugura, em 1840, o primeiro jardim-de-infância – *kindergarten* – em Blankenburgo, anunciando a prática de uma cultura pré-escolar de atendimento à infância, propostas específicas com as crianças e desenvolvimento das habilidades. Porém, os *kindergartens* não duraram muito, tendo sido abolidos em 1851, como explica Kuhlmann Jr (1998):

[...] O regime reacionário prussiano, que suprimiu a revolução liberal de 1848, proibiu os *kindergartens* em 1851, considerados centros de subversão política e de ateísmo – por sua visão não-ortodoxa da religião – bem como pela facilitação ou o estímulo do trabalho da mulher fora do lar, ou pela ideia de levar as características das mulheres para a esfera pública (KULHMANN JR, 1998, p. 119).

Apesar dos conflitos na Alemanha, as propostas elaboradas por Fröebel se ampliaram internacionalmente com o compartilhamento das atividades que propunha com as crianças. Fröebel acreditava na multiplicidade dos processos educativos, propondo atividades que combinavam movimentos corporais, múltiplas expressões, o desenho e a linguagem. (PINAZZA, 1997). A expansão internacional das propostas de Fröebel impulsionou um novo caráter de atendimento institucional para as crianças, com uma proposta educativa mais direcionada ao brincar e ao educar, que nos asilos dos expostos e creches.

No Brasil, a primeira instituição privada de educação pré-escolar foi fundada em 1875, no Rio de Janeiro, nas instalações do Colégio Menezes Vieira, destinando-se apenas a crianças de três até seis anos provenientes das classes privilegiadas. Com um movimento crescente de posicionamentos que se pautavam em aspectos culturais, religiosos, médicos e políticos, a institucionalização da Educação Infantil vai sendo reinventada e concebida com os pressupostos desenvolvidos por Fröebel.

Na cidade de São Paulo, o Jardim Caetano de Campos, inaugurado em 1896, incluía rotinas pedagógicas que se aproximavam dos ideais difundidos por Fröebel.

Os jardins-de-infância no Brasil foram pesquisados por Kishimoto (1990), que produziu contribuições valiosas sobre a fundamentação pedagógica nos estabelecimentos que se pautavam nas perspectivas de Friederich Fröebel e as instituições assistencialistas que atendiam as crianças no Brasil. Suas análises sobre as divergências das práticas nas instituições localizam diferenças significativas sobre as concepções de cuidar e educar nas instituições, mas, sobretudo, a prática pedagógica do brincar nos jardins-de-infância. Fröebel destaca o brincar como uma atividade pedagógica fundamental para o desenvolvimento infantil, um aporte para a aprendizagem e socialização das crianças.

O direito social das crianças para o atendimento em creches e pré-escolas é legitimado no Brasil com a Constituição Federal de 1988, reconhecendo a

Educação Infantil como um dever do Estado, e logo após, com o Estatuto da ² Criança e do Adolescente, Lei 8.069/90, em 13 de julho de 1990. O debate e a luta por políticas que garantam estes direitos se expandem consideravelmente na Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), quando a Educação Infantil é estipulada como a Primeira Etapa da Educação Básica.

1.1.2. Políticas de Educação Infantil no Brasil

As conquistas referentes à educação da criança decorreram, em grande medida, dos movimentos de luta por creches e resultaram na ampliação do debate e na elaboração de documentos que propunham a normatização das práticas no atendimento para todas as crianças.

O parecer CNE/CEB nº 022/98, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, define os fundamentos para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Em seu item 4 (BRASIL, 1998, p.12) lê-se que:

4- Ao reconhecer as crianças como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo próprias, com os demais e o meio ambiente de maneira articulada e gradual, as Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil devem buscar a interação entre as diversas áreas do conhecimento e aspectos da vida cidadã, como conteúdos básicos para a constituição de conhecimentos e valores.

Com base neste Parecer são definidas as Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) ² fixadas pela Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que assim definem esta etapa da educação:

Primeira etapa da educação básica, conforme a Lei nº 9.394/96, oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais, não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam

² O Ministério da Educação (MEC) promulgou as Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Infantil (2009), fixadas pela Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Nesta dissertação utilizaremos como referência o encarte produzido e publicado pelo MEC com o conteúdo das Diretrizes Nacionais Curriculares da Educação Infantil e publicada no ano de 2010, por ser ele mais comumente usado nas instituições de Educação Infantil, dada sua ampla divulgação.

e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

As práticas na Educação Infantil devem pressupor a concepção da criança como um sujeito histórico, que se desenvolve através de sua cultura, da sua história, contrapondo-se ao posicionamento da instituição infantil como reformadora ou transmissora de conhecimentos. O Art. 4º da Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, define que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

As políticas públicas educacionais para a educação de crianças no Brasil foram destacadas nos estudos e pesquisas de Sônia Kramer sobre a qualidade das atividades em creches e pré-escolas, que pontuaram o caráter assistencialista e a segregação social das instituições infantis, assim como a oferta de diferentes propostas conforme a realidade cultural e social das crianças. Kramer (1984) usa o conceito de “educação compensatória” para designar o atendimento institucional de crianças de classe social desfavorecida, que priorizava o cuidar através do discurso da superação da privação cultural. Caracterizando práticas que acentuavam o cuidar, negligenciavam aspectos culturais e se posicionavam com a função de transmitir modelos sociais e econômicos nas creches. A proposta pedagógica “compensatória” não atendia as subjetividades e o caráter lúdico da infância e lentamente foi substituída por outra que privilegiasse a valorização das necessidades, especificidades e espontaneidade das crianças. As pesquisas de Sônia Kramer possuem um enfoque político sobre o percurso do histórico da Educação Infantil, que nos conduzem a uma reflexão sobre o longo período em que a infância foi concebida e interpretada por uma lógica que atendia apenas às políticas econômicas. Uma reinterpretção da rejeição, privação e desmerecimento social que a pesquisadora indica como “a arte do disfarce”, da política de uma Educação

Infantil que não ofertava a qualidade e propostas que respeitassem as particularidades das crianças.

Maria Malta Campos (1981) desenvolve uma crítica ao trabalho pedagógico realizado na pré-escola com as crianças como: descaracterizado, com uma identidade camuflada e que não dialoga com a cultura da comunidade que atende.

Na história da pré-escola destaca-se a preocupação de adequar a criança à escola tal como ela é, ou seja, em nenhum momento se coloca um questionamento em relação à escola, mas se procura simplesmente adaptar a criança ao seu futuro papel de aluno. (CAMPOS, 1981, p. 36)

Kuhlmann Jr (1998) exemplifica que o posicionamento de identificar apenas as políticas assistencialistas nas creches, desmerecendo as práticas pedagógicas do cuidar, nos conduz a “reinventar a roda” porque neutraliza a intencionalidade das instituições assistencialistas sobre o cuidar, desconsiderando o educar e o brincar implícito no cotidiano. Quando enfatizamos nas pesquisas atuais as políticas para a Educação Infantil com foco em educar, cuidar e brincar, não são propostas pedagógicas inovadoras, mas discussões que ampliam e nos aproximam das transformações nas concepções de criança e infância.

Kramer (2009) destaca as contribuições da psicologia no desenvolvimento infantil em diversas áreas e principalmente sobre as funções cognitivas, especialmente suas considerações sobre a relevância de Jean Piaget sobre o desenvolvimento da inteligência pautada nos processos cognitivos e sua influência no trabalho pedagógico na década de 1970. A cognição ou processos cognitivos estão sempre associados ao desenvolvimento da inteligência, da aquisição da aprendizagem, mas na Educação Infantil os conteúdos cognitivos apresentam uma dimensão muito peculiar que envolve socialização dos saberes e das experiências. Kramer (2009) descreve o termo cognitivo na Educação Infantil ressaltando os processos interativos da criança;

Do ponto de vista cognitivo, destacamos a necessidade de levar sempre em consideração o fato de que a criança conhece e constrói noções e os conceitos à medida que age, observa e relaciona objetos do mundo físico. É no decorrer das atividades que realizam que as crianças incorporam dados e relações, e é

enfrentando desafios e trocando informações umas com as outras e com os adultos que elas desenvolvem seu pensamento. (KRAMER, 2009, p. 21)

Os saberes e aprendizagens na Educação Infantil apresentam um formato totalmente distinto daqueles do ensino fundamental – pelo menos da forma como costumam ser trabalhados em nossas escolas – onde os conteúdos são apresentados e organizados de modo sistematizado. A Educação Infantil privilegia a descoberta e seus conteúdos, que surgem através das brincadeiras, da escuta das crianças e dos fatos em seus cotidianos. Os conteúdos não são ensinados, mas se revelam no convívio das crianças entre elas, das crianças com os adultos e também dos adultos entre si. São questões que se iniciam com o interesse de conhecer a si mesmo, aos outros e ao mundo. Márcia Gobbi (2010) exemplifica como não é a finalidade da Educação Infantil, antecipar os conteúdos do ensino fundamental, mas articular brincadeiras e interações, que anunciam novas descobertas e curiosidades através das diversas linguagens infantis.

A criança como produtora de cultura através das dinâmicas nos coletivos da instituição, na relação e na transgressão lúdica que ela faz com a própria cultura, foi pesquisada por Mário de Andrade em sua gestão como chefe do Departamento de Cultura da Cidade De São Paulo, no período de 1935 até 1938, onde promoveu práticas diversificadas nos Parques Infantis, conforme nos indica Ana Lúcia Goulart de Faria (1994) em sua tese de doutorado sobre as manifestações folclóricas, artísticas e culturais que Mario de Andrade enfatizava nas rotinas dos parques infantis. A criança e a releitura que fazia das artes, músicas, danças, jogos e que apesar das propostas dos parques e sua fundação em 1935 em ambientes não-escolares, que proporcionavam assistência e cuidado para as crianças, geralmente filhos de operários ou imigrantes, contribuíram para fomentar reflexões sobre a prática educacional direcionada à infância. As produções infantis, sobretudo os desenhos infantis que Mario de Andrade gostava de colecionar, nos trouxeram reflexões valiosas para pensar as especificidades dos saberes e fazeres das crianças. Pensamos em uma Pedagogia da Infância, conforme nos descreve Faria (2005):

Embora ainda hoje tenhamos nas creches alguns resquícios da enfermagem, no trato com os bebês (por exemplo, o emprego de palavras e práticas hospitalares tais como: solário, lactário, berçário, peso e medida etc.), e tenhamos fortemente a escola na educação das crianças maiores (nas filas, divisão por idade, lápis e papel, mesa e cadeira etc.), o que deve ser destacado no movimento histórico aqui enfocado é a construção de uma pedagogia da Educação Infantil fundamentalmente não-escolarizante, que incorpora as pesquisas de várias áreas do conhecimento e busca conhecer a criança em ambiente coletivo, na produção das culturas infantis. (FARIA, 2005, p.1016)

As pesquisas de Florestan Fernandes (1944) localizam pela primeira vez o termo cultura infantil e sua importância como categoria de análise sociológica para compreender como as crianças interpretavam situações de conflito como as diversas relações provenientes dos períodos de escravidão, fixação dos imigrantes, através de grupos e inserções que, como Abramowicz (2015) aponta, introduziram um diferencial para pensarmos sobre os estudos da infância no Brasil. As pesquisas deste autor utilizam a cultura infantil como uma categoria de análise sociológica, destacando que os grupos infantis iniciam as crianças na cultura infantil. Apesar de Florestan Fernandes não ter prosseguido com seus estudos sobre a infância, ele desperta um novo olhar para o desenvolvimento social e cultural das crianças, desmitificando que as crianças imitavam a cultura adulta, elaborando uma releitura das inúmeras conexões, associações que faziam sobre suas interações, as relações de poder que observavam e estabelecendo valores de um processo de formação da identidade sobre ser criança nas diversas culturas. E seus estudos nos dizem muito sobre os desafios que estão postos atualmente na prática da Educação Infantil porque, nos documentos que orientam a prática pedagógica, se reconhece não só que as crianças produzem cultura, mas quais são os processos que dialogam, escutam e promovem a visibilidade desta cultura através das linguagens infantis na prática da Educação Infantil.

À medida que organizávamos este capítulo sobre alguns trajetos que compuseram o que entendemos atualmente sobre o tripé da Educação Infantil – educar, cuidar e brincar – notamos uma série de aspectos sociológicos, econômicos, políticos, jurídicos, religiosos e médicos. Períodos históricos que abordavam a assistência, a escolarização, o brincar, e cuja evolução resultou nos pressupostos que hoje temos sobre a função da Educação Infantil e suas

especificidades. Porém, a atualidade nos propõe o desafio de ressaltar as crianças como produtoras de cultura e desenvolver questionamentos sobre a cultura escolar e as expectativas sociais sobre a educação que ofertamos nas instituições infantis. A próxima seção deste capítulo pretende revelar um pouco sobre como a criança produz cultura e como a Educação Infantil é um espaço onde estas produções se localizam nas linguagens infantis.

1.2. Educar, cuidar, brincar e linguagens na Educação Infantil

Esta seção versa sobre o tripé proposto pelas determinações legais e pela literatura especializada para as práticas pedagógicas na Educação Infantil – educar, cuidar e brincar – e sobre a importância das linguagens nessa fase da Educação Básica.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), o referido tripé se corporifica nas interações que promovemos nas práticas pedagógicas. Embora nos documentos orientadores oficiais as *linguagens infantis* não sejam consideradas como eixo de trabalho pedagógico, nesta pesquisa vamos considerá-las, reconhecendo que é através delas que se compõem os processos nos espaços coletivos de Educação Infantil que dialogam com os interesses e necessidades das crianças.

De acordo com o referido documento legal (BRASIL, 2010, p. 17), *educar* é organizar o trabalho pedagógico de modo a reconhecer e respeitar as especificidades de um coletivo de crianças, bem como as individualidades destas, articulando seus saberes e interesses com a proposta curricular e tendo como eixos norteadores as interações e brincadeiras.

Já o *cuidar* se associa muitas vezes com as rotinas que envolvem a higiene, alimentação, mas assume nova conotação e resultados quando a criança tem suas expressões respeitadas e o adulto interage com ela compreendendo que o cuidar está no atendimento de seus anseios, acolhendo necessidades específicas e individuais que também incluem as dimensões afetivas e emocionais.

Por sua vez, o *brincar* é a principal forma de expressão, interação e investigação da criança para conhecer a si mesma, aos outros e ao mundo e que se amplia potencialmente quando seus educadores lhes facilitam o acesso a

materiais diversos, observam e interagem com as motivações que conduzem os jogos e brincadeiras nas instituições de Educação Infantil.

As primeiras instituições que atendiam bebês e crianças eram vistas, conforme descrevemos no item anterior, como espaços de reforma cultural, um espaço em que as crianças eram cuidadas e educadas com a perspectiva de civilizá-las. Posteriormente, observamos um período direcionado ao desenvolvimento da criança, com ênfase na Psicologia, que impulsiona práticas nas creches e pré-escolas, com estímulos das dimensões cognitiva, motora, linguística e cultural. No período subsequente, os dispositivos legais que direcionam a prática pedagógica na Educação Infantil garantem os direitos da criança, atendimento de qualidade e acesso às creches e pré-escolas.

Diante deste quadro, é preconizado o desenvolvimento de um trabalho pedagógico que assegure o compartilhamento de saberes produzidos com as crianças em registros que se utilizem das múltiplas linguagens infantis. A proposta pedagógica derivada da legislação em vigor se destaca pela indissociabilidade dos eixos curriculares, inserindo a participação social da criança em ações que a auxiliem em vivências que abordem o combate ao racismo, a pluralidade cultural, a igualdade de gêneros, entre outros critérios que garantam a qualidade da educação para a infância.

Conforme afirma Faria (1999), a concepção que temos em nossos dispositivos legais reconhece a criança como um sujeito histórico e de direitos, que cria e consome cultura, que não pode ser vista apenas como consumidora e assim ser precocemente escolarizada.

Educar e cuidar são objetivos da Educação Infantil, assim colocados para dar ênfase na centralidade da criança e na sua especificidade em relação ao ensino escolar. O que não quer dizer que a creche e a pré-escola também não tenham o objetivo, como a escola, de reproduzir e coagir, e também de transformar e libertar e, como toda educação, tem sempre o objetivo de cuidar. Também não quer dizer que a educação nessas instituições não tenha conteúdo, seja espontaneísta, só porque nelas não se trabalha com conteúdos escolares e o professor não ministra as disciplinas escolares formais: o professor é um professor de crianças. (FARIA, 2005, p.1021)

As dimensões linguística, afetiva, motora, cognitiva, sociocultural e estética não existem nas crianças de forma fragmentada, mas o fortalecimento

do debate que reconhece esta característica na prática de educar crianças em espaços coletivos contribui significativamente para que as linguagens infantis sejam privilegiadas nas interações e produções infantis. Nesse sentido, Gobbi (2004), em sua pesquisa de doutorado, aborda a importância atribuída por Mário de Andrade às linguagens gráficas nos Parques Infantis de São Paulo. Tal pesquisa dá visibilidade aos objetivos de Mário de Andrade em ressaltar as produções infantis através dos desenhos e mostras, especialmente, como ele retratava, as leituras de mundo na perspectiva infantil. Estas leituras compõem o universo das escutas das culturas infantis, que dá forma aos saberes na Educação Infantil.

Podemos identificar práticas nesta fase de educação que ainda estejam vinculadas com a reprodução de propostas pedagógicas que não consideram as especificidades do trabalho pedagógico com bebês e crianças. Ponderamos que a função da Educação Infantil na educação básica necessita ser problematizada com a finalidade de dialogar constantemente sobre como os saberes e experiências são vivenciados pelas crianças e as linguagens infantis que podemos destacar nas aprendizagens. As crianças aprendem gradativamente os valores e elementos que observam nas culturas em que estão inseridas, mas em uma rede complexa de associações, reinvenções e fusões da linguagem. A criança poetiza o corpo, musicaliza um desenho, escreve com brinquedos, lê com as mãos, fala com o olhar, entre tantas outras linguagens, que poderíamos citar, e que se diferenciam da lógica adultocêntrica.

Os saberes na Educação Infantil se compõem no convívio, nas interações nas creches e pré-escolas, de criança-criança, criança-adulto e adulto-criança. Os saberes que compõem o currículo nesta etapa da educação são peculiares e inerentes aos conhecimentos que as crianças e adultos articulam. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), tais saberes são referentes aos patrimônios culturais, artísticos, ambientais, científicos e tecnológicos, e buscam promover o desenvolvimento integral das crianças. É a relação que o educador estabelece com as linguagens infantis, com as culturas produzidas socialmente e as culturas que as crianças produzem que sugerem os conteúdos no currículo na Educação Infantil.

A função do professor na Educação Infantil envolve a complexidade de lidar com estes conteúdos que não são escolares, mas pautados nas dimensões

que destacamos anteriormente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010). Os objetivos da prática pedagógica neste documento asseguram que as crianças tenham acesso aos processos de aquisição, transformação e associação dos conhecimentos em diversas linguagens. A partir disso, compreende-se que o conjunto de práticas na Educação Infantil articula saberes e experiências através de interações e brincadeiras.

O Parecer CNE/CEB nº 20/2009 (BRASIL, 2009, p.6) propõe que as práticas educacionais sejam organizadas em torno do conhecimento e das relações sociais que se travam nos espaços institucionais, que contribuem para o desenvolvimento das identidades infantis. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) apontam como objetivos da proposta pedagógica garantir o acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens (BRASIL, 2010, p.18). Orientam que as práticas pedagógicas considerem como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, em experiências que possibilitem a utilização equipamentos que ultrapassem os registros apenas em folhas de papel e demais suportes gráficos presentes nas rotinas da Educação Infantil, e recomendam que, além destes, sejam usados gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, impressoras e outros recursos tecnológicos e midiáticos que assegurem outras formas de registros das produções infantis (BRASIL, 2010, p.27).

No percurso histórico da Educação Infantil no Brasil podemos reconhecer um período em que as linguagens infantis estavam presentes no movimento modernista, com a visibilidade e a valorização das linguagens e da estética da cultura infantil, ressaltando suas interpretações e invenções. Para Gobbi (2004) a arte, muito presente nas linguagens infantis, é vista como criadora e transformadora de cotidianos na primeira infância e não deve ser didatizada, mas incorporada nas práticas do trabalho pedagógico da Educação Infantil. A criança imprime a arte, e o movimento modernista articulou o dinamismo com as transgressões que as crianças organizam, onde muitos artistas se inspiram na expressividade infantil para questionar através da arte, acentuando as identidades e contrapondo-se à lógica adultocêntrica da aprendizagem formal e da transmissão do conhecimento.

É através das múltiplas linguagens infantis que os saberes e experiências se manifestam na Educação Infantil. A proposta pedagógica com crianças necessita da qualidade da escuta e interações com as linguagens que rompem a lógica das linguagens adultas. Bebês e crianças podem se utilizar, por exemplo, das linguagens corporais para descrever um conhecimento, para indicar curiosidade ou insatisfação com os espaços. Como fazemos a leitura e interação com estas linguagens das crianças? Não há uma receita, um modo de fazer que nos auxilie nas interpretações, mas o exercício de escuta das crianças contribui no desenvolvimento de um mapeamento das linguagens observadas e principalmente de como o educar, cuidar e brincar não estão dissociados para as crianças e não devem, portanto, estar separados na prática pedagógica das instituições infantis.

Foi justamente este aspecto que suscitou a pesquisa que apresentamos no capítulo seguinte, em que buscamos identificar como os eixos da prática pedagógica para a Educação Infantil estão sendo abordados em artigos publicados em periódicos da área de Educação classificados como Qualis A1 e Qualis A2.

CAPÍTULO 2

ABORDAGEM METODOLÓGICA

A presente pesquisa consiste na análise de periódicos e artigos científicos, classificados no Qualis como A1 e Qualis A2, no período de 2010 a 2015, que façam referência aos eixos da proposta pedagógica que identificamos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010): educar, cuidar e brincar. Além desses três, consideramos as linguagens, como um quarto eixo, devido à sua relevância na constituição das aprendizagens e expressividade infantis que mencionamos no capítulo anterior.

A pesquisa é de natureza qualitativa, pautada pela metodologia da pesquisa bibliográfica e apoiada em Lima e Miotto (2007), com a intenção de verificar como estes eixos da prática pedagógica na Educação Infantil figuram nos artigos publicados nos referidos periódicos acadêmicos de Educação. Conforme Lima e Miotto (2007), a pesquisa bibliográfica envolve um conjunto ordenado de procedimentos metodológicos, configurado em etapas que vão desde a pesquisa exploratória das fontes bibliográficas disponíveis, até sua seleção, análise e síntese, sendo tudo isso feito de forma coerente com a questão de pesquisa e os objetivos do estudo.

São as seguintes as etapas propostas pelas autoras: 1ª) detalhamento das investigações das soluções; 2ª) análise explicativa das soluções; e 3ª) síntese integradora das soluções.

O *detalhamento das investigações das soluções* é descrito por Lima e Miotto (2007) como a etapa de levantamento do material bibliográfico, testes e análises das informações. A *análise explicativa das soluções* é a etapa da pesquisa em que ocorre a organização dos dados obtidos em categorias conceituais, pertinentes aos seus temas e autores, ainda de modo ilustrativo, mas que demonstra a validade do levantamento, exemplificando com afirmações dos próprios autores. Na *síntese integradora das soluções* se compõem a análise e a interpretação dos dados obtidos em uma reflexão crítica, desenvolvida a partir do referencial teórico.

Os dados obtidos para esta pesquisa foram coletados a partir de buscas empreendidas, via internet, em dezoito periódicos da área de Educação,

classificados como Qualis A1 e Qualis A2. Esta delimitação obedeceu à intenção de verificar em que grau de prioridade a temática investigada comparece nos periódicos mais bem classificados pela CAPES.

O recorte temporal foi definido entre 2010 e 2015, pois pretendíamos verificar se as alterações introduzidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (BRASIL, 2009), e divulgadas mais amplamente em 2010, estavam produzindo reflexos nas pesquisas em Educação e, em caso afirmativo, que reflexos seriam estes.

As buscas pelos artigos foram norteadas pelos descritores *educar*, *cuidar*, *brincar* e *linguagens*. O uso dos descritores *educar*, *cuidar* e *brincar* na forma verbal infinitiva justificou-se pela vinculação direta à prática pedagógica, já que verbos denotam ações. Só que na fase de análise dos dados, uma leitura crítica da decisão de utilizar os descritores nessa forma verbal permitiu verificar que tal decisão teve grandes implicações nos resultados da pesquisa, como se explicitará no capítulo dedicado à análise dos dados. Já o descritor *linguagens* foi utilizado no plural com a finalidade de identificar artigos que considerassem a diversidade das linguagens infantis.

A seguir apresentamos os dezoito periódicos da área de educação selecionados, agrupados por sua classificação no Qualis e pelas respectivas instituições de pertencimento:

QUADRO 1 – Periódicos Qualis A1 e respectivas instituições

Periódicos	Instituições
Cadernos de Pesquisa	FCC
Educação & Sociedade	CEDES
Pró-Posições	UNICAMP
Revista Brasileira de Educação	ANPEd
Revista da Faculdade de Educação	USP
Educação e Pesquisa	USP

QUADRO 2 – Periódicos Qualis A2 e respectivas instituições

Periódicos	Instituições
Avaliação	UNICAMP
Cadernos CEDES	CEDES
Cadernos Pagu	UNICAMP
Currículo sem Fronteiras	UFRGS
Educação em Revista	UFMG
Educação e Realidade	UFRGS

Uma primeira busca, empreendida sem o recorte temporal, encontrou 479 artigos relacionados aos quatro descritores, nos 18 periódicos. Deste total, foram localizados 185 artigos em periódicos Qualis A1 e 294 nos de Qualis A2, conforme ilustra o gráfico a seguir:

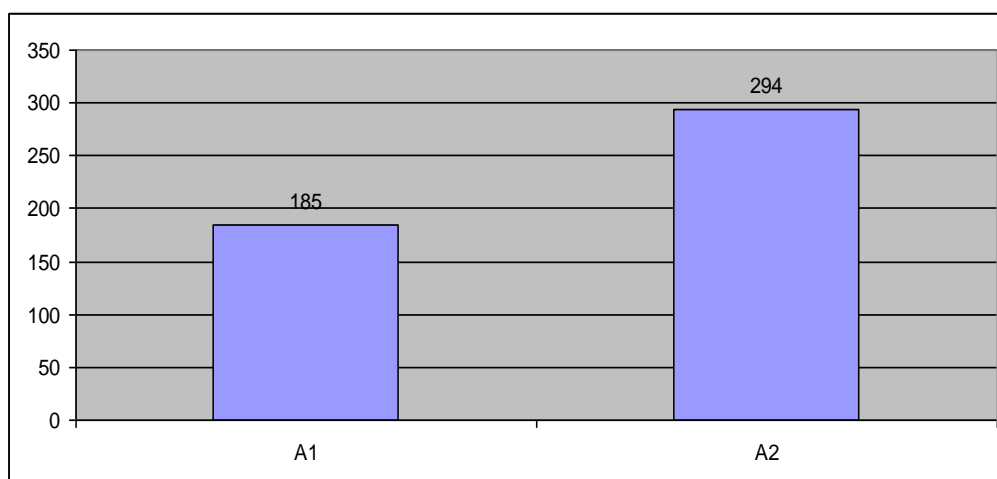


GRÁFICO 1 - Quantidade de artigos publicados nos periódicos Qualis A1 e Qualis A2 identificados pela busca com os descritores: educar, cuidar, brincar e linguagens.

Uma segunda etapa da seleção dos trabalhos foi feita considerando os artigos correspondentes ao recorte temporal que propusemos para esta pesquisa – 2010 a 2015. Foram, então, localizados 75 artigos referentes aos quatro descritores: educar, cuidar, brincar e linguagens. Utilizamos como critério para a busca nas bases de dados dos periódicos os seguintes procedimentos: o primeiro considerou os elementos revelados pelos títulos dos trabalhos; caso estes não fossem suficientemente esclarecedores, foram lidos os resumos e, caso ainda restassem dúvidas sobre a vinculação à questão de pesquisa, foram lidos os trabalhos na íntegra.

Os itens 2.1 e 2.2 apresentam estes 75 trabalhos, agrupados por classificação dos respectivos periódicos, por descritor, e especificando o periódico e os/as autores/as dos trabalhos.

2.1. Artigos selecionados nos periódicos Qualis A1

Foram consultados os seguintes periódicos classificados como Qualis A1: Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), Educação & Sociedade (CEDES), Educação e Pesquisa (USP), Pró-Posições (UNICAMP), Revista Brasileira de Educação (ANPEd), Revista da Faculdade de Educação (USP) e Educação e Pesquisa (USP).

O Quadro 3 indica a quantidade de artigos referentes ao descritor **educar**. Como se pode verificar, foram localizados 9 artigos, assim distribuídos: 3 artigos na revista Cadernos de Pesquisa, 1 artigo na Educação e Sociedade, 3 artigos na Educação e Pesquisa, 1 artigo na Pró-Posições e 1 artigo na Revista Brasileira de Educação. Não foram localizados artigos com o descritor no periódico da Revista da Faculdade de Educação da USP.

QUADRO 3. Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis a1 com o descritor **educar**, no recorte temporal considerado para a pesquisa

Periódico	Título	Autor/a/as
Cadernos de Pesquisa	Autoridade, infância e “crise na educação”.	Mariane Inês Ohlweiler/ Rosa Maria Bueno Fischer (2013)
Cadernos de Pesquisa	Perfil e trajetória de educadores nas instituições de acolhimento infantil.	Lília Iêda Chaves Cavalcante / Lorraine da Silva Correia (2012)
Cadernos de Pesquisa	Desafios iminentes para projetos de formação de profissionais para a Educação Infantil.	Ana Cristina Richter /Alexandre Fernandez Vaz (2011)
Educação e Sociedade	Vicissitudes e perspectivas do direito à educação no Brasil	Dermeval Saviani (2013)
Educação e Pesquisa	Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais e coercitivas e suas repercussões no contexto escolar.	Naiana Dapieve Patias/ Aline Siqueira/ Ana Cristina Garcia Dias (2012)
Educação e Pesquisa	Hannah Arendt: pensar a crise na educação atual	Maria Rita de Assis César/ André Duarte (2010)
Educação e Pesquisa	Pedagogias <i>queer</i> e libertárias para educação da cultura visual.	Gabriela de Andrade Rodrigues (2010)
Pró-posições	“Você sabe como é, eles não estão acostumados com antropólogos!” Uma análise etnográfica da formação de professores.	Rodrigo Rosistolato (2013)
Revista Brasileira de Educação	Políticas públicas e infância: desejos e limites da igualdade na educação.	Mariano Narodowski (2013)

O Quadro 4 indica a quantidade de artigos localizados no recorte temporal designado para a pesquisa em periódicos Qualis A1, referentes ao descritor **cuidar**. Como se pode verificar, foram localizados 2 artigos, assim distribuídos: 1 artigo na revista Cadernos de Pesquisa e 1 artigo na Pró-Posições. Não foram localizados artigos com o descritor nos periódicos: Educação e Sociedade,

Educação e Pesquisa, Revista Brasileira de Educação e Revista da Faculdade de Educação.

QUADRO 4. Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis A1 com o descritor **cuidar**, no recorte temporal considerado para a pesquisa.

Periódico	Título	Autor/a/as
Cadernos de Pesquisa	Perfil e trajetória de educadores nas instituições de acolhimento infantil.	Lília Iêda Chaves Cavalcante/ Lorraine da Silva Correia (2012)
Pró-posições	Cuidar de si, dizer a verdade: arte, pensamento e ética do sujeito.	Fabiana de Amorim Marcello/ Rosa Maria Bueno Fischer (2014)

O Quadro 5 traz os artigos selecionados, no recorte temporal designado na pesquisa, com o descritor **brincar**. Como se pode verificar, foram localizados 3 artigos, assim distribuídos: 1 artigo na Educação e Pesquisa, 1 artigo na Pró-Posições e 1 artigo na Revista Brasileira de Educação. Não foram localizados artigos com este descritor nos periódicos: Cadernos de Pesquisa, Educação e Sociedade e Revista da Faculdade de Educação.

QUADRO 5. Listagem dos artigos presentes em periódicos qualis a1 com o descritor **brincar**, no recorte temporal considerado para a pesquisa

Periódico	Título	Autor/a/as
Educação e Pesquisa	A passagem da Educação Infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas.	Vanessa Ferraz Almeida Neves/ Maria Cristina Soares Gouvêa/ Maria Lúcia Castanheira (2011)
Pró-posições	No exercício da arte: o professor criador. Diálogo entre o fazer artístico e a prática pedagógica.	Thereza Peric (2013)

Revista Brasileira de Educação	O letramento e o brincar em processos de socialização na Educação Infantil brincadeiras diferentes.	Vanessa Ferraz Almeida Neves/ Maria Cristina Soares Gouvêa/ Maria Lúcia Castanheira (2015)
--------------------------------	---	--

O Quadro 6 indica a quantidade de artigos, a partir do recorte temporal designado para a pesquisa em periódicos Qualis 1, do descritor **linguagem**. Como se pode verificar, foram localizados 16 artigos, assim distribuídos: 3 artigos na Cadernos de Pesquisa, 3 artigos na Educação e Sociedade, 4 artigos na Educação e Pesquisa, 4 artigos na Pró-Posições, 2 artigos na Revista Brasileira de Educação. Não foram localizados artigos com este descritor no periódico Revista da Faculdade de Educação da USP.

QUADRO 6. Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis A1 com o descritor **linguagens**, no recorte temporal considerado para a pesquisa.

Periódico	Título	Autor/a/as
Cadernos de Pesquisa	A linguagem oral como elemento integrante da brincadeira.	Dânia Monteiro Vieira Costa/ Cláudia Maria Mendes Gontijo (2011)
Cadernos de Pesquisa	O uso das escalas de avaliação de ambiente na Educação Infantil	Thelma Harms (2013)
Cadernos de Pesquisa	Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos.	Neiva Maria Jung/ Maria Amélia Lobo Pires (2012)
Educação e Sociedade	Descolonizando as pesquisas com crianças em três obstáculos.	Anete Abramowicz / Tatiane Consentino Rodrigues (2014)
Educação e Sociedade	Educação, literatura e cultura da infância: compreendendo o folclore infantil em Florestan Fernandes.	Patrícia de Cássia Pereira Porto (2014)
Educação e Sociedade	A relação sujeito/linguagem na construção da identidade surda.	Cinthia Najla Fahl Giammellaro/ Zilda Maria Gesueli/ Ivani Rodrigues Silva

Educação e Pesquisa	Condicionantes da aprendizagem da matemática: uma revisão sistêmica da literatura.	Maria Fátima Oliveira/ João Garrot Marques Negreiros/ Ana Cristina Neves (2015)
Educação e Pesquisa	Experiência e linguagem em Walter Benjamin.	Eloíza Gurgel Pires (2014)
Educação e Pesquisa	Aprendizagem da docência em grupo colaborativo: histórias infantis e matemática.	Ana Paula Gestoso/ Rosa Maria Moraes Oliveira (2013)
Educação e Pesquisa	De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da Educação Infantil para o ensino fundamental.	Flávia Miller Naethe Motta (2011)
Pró-posições	Diferença, subjetivação e educação, um olhar sobre a inclusão escolar.	Pedro Angelo Pagni (2015)
Pró-posições	No exercício da arte: o professor criador. Diálogo entre o fazer artístico e a prática pedagógica.	Thereza Peric (2013)
Pró-posições	A linguagem da cultura corporal sob o olhar da professora da Educação Infantil.	Mônica Caldas Ehrenberg (2014)
Pró-posições	Poesia e infância: o corpo em viva voz.	Ângela Fronckowiak (2011)
Revista Brasileira de Educação	Linguagem, gênero e sexualidade.	Tatiana Meirelles (2010)
Revista Brasileira de Educação	A formação humana na perspectiva histórico-ontológica.	Dermeval Saviani/ Newton Duarte (2010)

2.2. Artigos selecionados nos periódicos Qualis A2

Já quanto aos periódicos classificados no Qualis A2, foram consultados os seguintes: Avaliação (UNICAMP), Cadernos CEDES, Cadernos Pagu (UNICAMP), Currículo sem Fronteiras (UFRGS), Educação e Realidade (UFRGS), Educação em Revista (UFMG), Educar em Revista (UFPR), Ensaio:

Avaliação e Políticas Públicas em Educação (Fundação CESGRANRIO), Estudos Avançados (USP), Interface (UNESP Botucatu), Revista Brasileira de Educação Especial (ABPEE) e Revista e-Curriculum (PUCSP).

O Quadro 7 indica a quantidade de artigos, no recorte temporal designado para a pesquisa em periódicos Qualis A2, com o descritor **educar**. Como se pode verificar, foram localizados 14 artigos, assim distribuídos: 8 artigos na Currículo sem Fronteiras, 1 artigo na Educação e Realidade, 4 na Educação em Revista, 1 na Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Não foram localizados artigos nos demais periódicos.

QUADRO 7. Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis A2 com o descritor **educar**, no recorte temporal considerado para a pesquisa.

Periódico	Título	Autor/a/as
Currículo sem Fronteiras	Uma agenda crítica para os estudos da criança.	Manuel Jacinto Sarmiento (2015)
Currículo sem Fronteiras	A participação das crianças nos estudos da infância e as possibilidades da etnografia sensorial.	Marta Morgade Salgado/ Fernanda Muller (2015)
Currículo sem Fronteiras	A construção do currículo para a Educação Infantil na rede municipal de São Paulo.	Beatriz de Oliveira Abuchaim (2015)
Currículo sem Fronteiras	Das práticas pedagógicas para a educação física infantil de 0 a 3 anos no município de Florianópolis.	Bárbara dos Santos Gaspa, Ana Cristina Richte e Alexandre Fernandez Vaz (2015)
Currículo sem Fronteiras	Estudos da criança e pesquisas com crianças: nuances luso-brasileiras acerca dos desafios éticos e metodológicos.	Leni Vieira Dornelles e Natália Fernandes (2013)
Currículo sem Fronteiras	Três crianças a compor um plano para o currículo.	Antonio Carlos Amorim (2013)
Currículo sem Fronteiras	Natureza infantil e governamentalidade liberal.	Dora Marín (2011)

Currículo sem Fronteiras	Um estudo etnográfico sobre famílias a partir do ponto de vista das crianças.	Fernanda Muller (2010)
Educação e Realidade	Os profissionais do impossível.	Marcelo Ricardo Pereira (2013)
Educação em Revista	Educar na Infância: perspectivas histórico-sociais.	Solange Estanislau Santos (2013)
Educação em Revista	Práticas educativas e estresse parental de pais e crianças pequenas com desenvolvimento típico e atípico.	Maria de Fétima Minetto (2012)
Educação em Revista	Meninas! Sejam educadas por Barbie e “com’ a Barbie.	Fernanda Theodoro Roveri/ Carmen Lúcia Sores (2012)
Educação em Revista	Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola.	Aline Galvão Lima (2010)
Ensaio	“Educar para crescer” ou auditar para crescer?	Simone Barreto Anadon, Maria Manuela Alves Garcia (2015)

O Quadro 8 indica a quantidade de artigos, no recorte temporal designado para a pesquisa em periódicos Qualis A2, com o descritor **cuidar**. Como se pode verificar, foram localizados 3 artigos, assim distribuídos: 2 artigos na Educação em Revista e 1 artigo na Interface.

QUADRO 8. Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis A2 com o descritor **cuidar**, no recorte temporal considerado para a pesquisa.

Periódico	Título	Autor/a/as
Educação em Revista	Educar e cuidar do corpo: biopolítica no atendimento à pequena infância.	Ana Cristina Richter/ Alexandre Fernandes Vaz (2010)
Educação em Revista	A infância nos almanaques: nacionalismo, saúde e educação (Brasil 1920- 1940).	Moisés Kulhmann Jr/ Maria das Graças Sandi Magalhães (2010)
Interface	Higienizar, cuidar e civilizar: o discurso médico para a escola paranaense (1920- 1937)	Liliana Muller Larocca/ Vera Regina Beltrão (2010)

O Quadro 9 indica a quantidade de artigos no recorte temporal designado para a pesquisa em periódicos Qualis A2, com o descritor **brincar**. Como se pode verificar, foram localizados 9 artigos, assim distribuídos: 1 artigo no Currículo sem fronteiras, 1 artigo na Educação e Realidade, 2 artigos na Educar em Revista e 5 artigos na Revista Brasileira de Educação Especial.

QUADRO 9. Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis A2 com o descritor **brincar**, no recorte temporal considerado para a pesquisa.

Periódico	Título	Autor/a/as
Currículo sem fronteiras	Jogos e Brincadeiras nas Práticas Pedagógicas na Educação Infantil: entre o dito e o escrito.	Aliandra Cristina Mesomo Lira e Cecília Hanna Mate(2013)
Educação e Realidade	Bonecos com corpos velhos: o que dizem as crianças sobre envelhecimento.	Leni Vieira Dornelles (2015)
Educar em Revista	Trabalho infantil: representações sociais de sua instituição em Blumenau/SC.	Rita de Cássia Marchi (2013)
Educar em Revista	Ensinando o pai a brincar com seu bebê com síndrome de Down.	Nancy Capretz Batista da Silva / Ana Lúcia Rossito Aiello (2012)
Revista Brasileira de Educação Especial	Caracterização das ações motoras de crianças com baixa visão e visão normal durante o brincar: cubos com e sem estímulo luminoso ou alto contraste.	Beatriz Dittrich Schmitt/ Pereira, Karina Pereira (2014)
Revista Brasileira de Educação Especial	Interação entre crianças com deficiência visual em grupos de brincadeira.	Letícia Coelho Ruiz/ Cecília Guarnieri Batista (2014)
Revista Brasileira de Educação Especial	Contribuições da fisioterapia a partir dos pontos de vista das crianças.	Kadine Priscila Bender dos Santos Valéria Silva Ferreira (2013)
Revista Brasileira de	O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural.	Maria Fernanda Bagarollo/ Vanessa Veis

Educação Especial		Ribeiro/ Ivone Panhoca (2013)
Revista Brasileira de Educação Especial	Utilização do brinquedo terapêutico na assistência à criança hospitalizada.	Cassiana Mendes Bertoncetto Fontes (2010)

O Quadro 10 indica a quantidade de artigos no recorte temporal designado para a pesquisa em periódicos Qualis A2, com o descritor **linguagem**. Como se pode verificar, foram localizados 19 artigos, assim distribuídos: 2 artigos no Cadernos Cedes, 3 artigos no currículo sem fronteiras, 2 artigos na Educação e Realidade, 2 artigos na Educação e Revista, 4 artigos na Educar em Revista, e 7 artigos na Revista Brasileira de Educação.

QUADRO 10. Listagem dos artigos presentes em periódicos Qualis A2 com o descritor **linguagem**, no recorte temporal considerado para a pesquisa.

Periódico	Título	Autor/a/as
Cadernos Cedes	Contribuições da literatura infantil para a aprendizagem da noção de tempo histórico: leituras e indagações.	Ernesta Zamboni / Selva Guimarães Fonseca (2010)
Cadernos Cedes	O ensino das artes visuais na escola no contexto da inclusão.	Lucia Reily (2010)
Currículo sem Fronteiras	Infância, cultura e mídia: reflexões sobre o narrar das crianças na contemporaneidade.	Adriana Hoffmann Fernandes (2011)
Currículo sem Fronteiras	O menino, os barcos e o mundo: considerações sobre a construção do conhecimento.	Rita Maria Ribes Pereira (2010)
Currículo sem Fronteiras	As formas do corpo: marcas das diferenças em personagens gordos da literatura infantil.	Iara Tatiana Bonin/ Rosa Maria Hessel Silveira (2010)
Educação e Realidade	A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural.	Janice Cristine Thiél (2013)

Educação e Realidade	Escrita e alteridade: um texto em viagem auto-enigma.	Maragareth Schaffer (2013)
Educação em Revista	Produção coletiva de textos na Educação Infantil: o trabalho de mediação docente	Fernanda Michelle Girão; Ana Carolina Perrusi Brandão (2014)
Educação em Revista	Real versus ficção: criança, linguagem e regimes de credibilidade no cinema-documentário.	Fabiana de Amorim Marcello. (2010)
Educar em Revista	Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância.	Constantina Xavier Filha (2014)
Educar em Revista	Enfrentando o problema dos estágios no desenvolvimento mental das crianças.	D.B. Elkonin (2012)
Educar em Revista	Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky.	Maria Eunice Oliveira/ Tania Stoltz (2010)
Revista Brasileira de Educação Especial	Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos transtornos do espectro autístico.	Natália Caroline Favoretto/ Dionísia Aparecida Cusin Lamônica (2014)
Revista Brasileira de Educação Especial	O ensino da Língua Brasileira de Sinais na Educação Infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na psicologia histórico-cultural.	Hivi de Castro Ruiz Marques/ Sonia Maria Shima Barroco/ Tânia dos Santos Alvarez da Silva (2013)
Revista Brasileira de Educação Especial	O brincar de uma criança autista sobre a ótica da perspectiva histórico-cultural.	Maria Fernanda Ribeiro Bagarollo/ Vanessa Veis Ribeiro/ Ivone Panhoca (2013)
Revista Brasileira de Educação Especial	O desenvolvimento de crianças cegas e de crianças videntes.	Maria Luiza Pontes de França- Freitas/ Maria Stella Coutinho de Alcântara Gil (2012)
Revista Brasileira de Educação Especial	Práticas educativas parentais de crianças com deficiência auditiva e linguagem.	Alessandra Turini Bolsoni-Silva (2010)

Revista Brasileira de Educação Especial	Comunicação e inclusão de crianças com alteração de linguagem de origem neurológica na perspectiva de pais e educadores.	Érica Mayumi Takase/ Regina Yu Schon Chun (2010)
Revista Brasileira de Educação Especial	Avaliação e intervenção no desenvolvimento motor de uma criança com Síndrome de Down.	Ana Paula Maurilia dos Santos/ Silvio Luiz Indrusiak Weiss/ Geciely Munaretto Fogaça e Almeida (2010)

Uma primeira análise destes 75 artigos localizados nas buscas revelou que havia 43 pesquisas bibliográficas e 33 pesquisas de campo. Como na presente pesquisa interessava analisar o que se passa na prática pedagógica, decidimos considerar apenas os artigos oriundos de pesquisas de campo. Assim, dos 33 artigos encontrados, apenas estavam 12 localizados na série temporal definida.

Estes 12 serão explorados no próximo capítulo, compondo uma análise dos dados por categorias conforme o referencial teórico e a representatividade dos eixos da prática pedagógica na Educação Infantil, as potencialidades e desafios em educar, cuidar, brincar e promover registros e estudos sobre as linguagens infantis. Em seguida, trataremos de construir uma síntese integradora dos resultados, conforme orienta a metodologia adotada (LIMA; MIOTO, 2007).

QUADRO 11. Artigos selecionados com base nos critérios de versarem sobre a prática pedagógica e serem pesquisas de campo.

Descritor	Ano	Periódico	Título	Autor/a/as	Qualis
Educar	2011	Educação e Pesquisa	A passagem da Educação Infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas	Vanessa Ferraz Almeida Neves/ Maria Cristina Soares Gouvêa/ Maria Lúcia Castanheira	A1
Educar	2011	Educação e Pesquisa	De crianças a alunos: transformações sociais na	Flávia Miller Naethe Motta	A1

			passagem da Educação Infantil para o ensino fundamental.		
Educar	2014	Educação e Sociedade	Educação, literatura e cultura da infância: compreendendo o folclore infantil em Florestan Fernandes.	Patrícia de Cássia Pereira Porto	A1
Educar	2015	Currículo sem Fronteiras	A construção do currículo para a Educação Infantil na rede municipal de São Paulo.	Beatriz de Oliveira Abuchaim	A2
Cuidar	2010	Educação em Revista	Educar e cuidar do corpo: biopolítica no atendimento à pequena infância.	Ana Cristina Richter/ Alexandre Fernandes Vaz (2010)	A2
Brincar	2011	Cadernos de Pesquisa	A linguagem oral como elemento integrante da brincadeira.	Dânia Monteiro Vieira Costa/ Cláudia Maria Mendes Gontijo (2011)	A1
Brincar	2013	Currículo sem fronteiras	Jogos e Brincadeiras nas Práticas Pedagógicas na Educação Infantil: entre o dito e o escrito.	Aliandra Cristina Mesomo Lira e Cecília Hanna Mate	A2
Linguagens	2010	Currículo sem Fronteiras	O menino, os barcos e o mundo: considerações sobre a construção do conhecimento.	Rita Maria Ribes Pereira	A2
Linguagens	2010	Currículo sem Fronteiras	As formas do corpo: marcas das diferenças em personagens	Iara Tatiana Bonin/ Rosa Maria Hessel Silveira	A2

			gordos da literatura infantil.		
Linguagens	2013	Revista Brasileira de Educação Especial	O ensino da Língua Brasileira de Sinais na Educação Infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na psicologia histórico-cultural.	Hivi de Castro Ruiz Marques/ Sonia Maria Shima Barroco/ Tânia dos Santos Alvarez da Silva	A2
Linguagens	2014	Pró-posições	A linguagem da cultura corporal sob o olhar da professora da Educação Infantil.	Mônica Caldas Ehrenberg	A1
Linguagens	2014	Educação em Revista	Produção coletiva de textos na Educação Infantil: o trabalho de mediação docente	Fernanda Michelle Girão; Ana Carolina Perrusi Brandão	A2

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Este capítulo corresponde ao que Lima e Mioto (2007) consideram como a segunda fase da pesquisa, na qual organizamos os dados obtidos por categorias que correspondam aos seus objetivos e possibilitem uma análise que deriva da fala dos autores. Os resultados que identificamos nos quatro descritores pesquisados ilustram as políticas que impulsionam as transformações nas práticas divulgadas nestes periódicos nos artigos que abordaram os eixos da Educação Infantil considerados nesta pesquisa.

3.1. Apresentação dos artigos selecionados

Os artigos selecionados nos periódicos acadêmicos representam parte do debate sobre a prática na Educação Infantil que articule o educar, cuidar e brincar entre si e com as linguagens infantis nas instituições. Apresentamos os 12 artigos, dos quais 4 versam sobre o educar, 1 sobre o cuidar, 2 sobre o brincar e 5 sobre as linguagens. Estão brevemente descritos a seguir, nesta ordem.

A PASSAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: TENSÕES CONTEMPORÂNEAS

O artigo publicado por Maria Lúcia Castanheira, Vanessa Ferraz Almeida Neves e Vanessa Ferraz Almeida Neves (CASTANHEIRA; NEVES; GOUVÊA, 2011) advém de um estudo participativo com um grupo de crianças em processo de transição da Educação Infantil para o ensino fundamental. A promulgação da Lei Federal nº11. 274 (Brasil, 2006) decreta a obrigatoriedade do atendimento escolar para crianças de 4 até 17 anos, fomentando pesquisas que buscam compreender as transformações nas culturas infantis e escolares. As autoras refletem sobre as divergências entre as práticas na Educação Infantil em relação ao ensino fundamental, descrevendo suas observações sobre como um grupo de crianças interage com as adaptações com o espaço físico, uso dos materiais e linguagens utilizadas. Apoiadas em observações da prática e as considerações de Peter Moss (2008) sobre o conflito na relação entre as duas etapas, as

pesquisadoras elegem o processo de aquisição da escrita e investigam ações de letramento e alfabetização nas duas etapas, bem como a análise da distribuição das atividades em suas rotinas.

O grupo de crianças pesquisado estava em despedida da Educação Infantil, com a orientação de uma professora que privilegiava a socialização das crianças estimulando brincadeiras, desenvolvendo atividades de letramento contextualizadas, com diversos suportes de gênero: textual e cultural. As crianças tinham autonomia para se movimentarem, compartilhavam materiais coletivos e utilizam os diversos espaços da escola. A professora desempenhava a função de escriba ou autora, na maioria das situações observadas. As crianças também desenvolviam jogos e brincadeiras que envolviam hipóteses de leitura e escrita, adquirindo percepções sobre a função da linguagem escrita.

Com a transição para o ensino fundamental, a rotina que privilegiava o brincar é alterada por práticas que começam a compor uma cultura escolar. Uma cultura escolar pautada no controle corporal, que vão desde o deslocamento em filas até o posicionamento dos corpos em cadeiras enfileiradas e direcionadas para a professora que não atribui o mesmo valor para a socialização, centraliza as brincadeiras no recreio, desenvolve atividades de repetição e enfatiza o uso de materiais individuais. Apesar do processo de alfabetização, a professora continua sendo a principal autora, mas as atividades se direcionam para os exercícios de coordenação motora e a apresentação dos conteúdos em disciplinas. As autoras destacam no seguinte trecho, como as crianças reagem a uma atividade de reconhecimento e associação de figuras. Uma atividade uma proposta diferenciada das demais que compunham a nova rotina, que possibilitava a interação e uso da criatividade. A professora sugere o desenho de um sorvete em uma folha “xerocada”, aspecto que desperta uma brincadeira coletiva, onde as crianças simbolicamente negociam entre elas os produtos que criaram, em uma reinterpretação das experiências na Educação Infantil com as que estão aprendendo no ensino fundamental;

Por outro lado, as crianças se apropriaram da atividade xerocada, transformando-a em um suporte material para suas interações, em que o brincar assumiu papel fundamental. Os significados atribuídos aos desenhos, através da construção coletiva de uma sorveteria, ampliaram os objetivos imediatos da atividade. (CASTANHEIRA; NEVES; GOUVÊA, 2011, p.135);

Na descrição deste fato, as autoras enfatizam a importância do brincar para as crianças, que mesmo em uma nova organização de espaço e rotina, transformam o desenho em uma oportunidade de se libertarem da repetição, verbalizando mesmo que sentadas, enfileiradas, a composição de seus sorvetes imaginários. A realização desta pesquisa colabora com a construção de uma prática pedagógica, na Educação Infantil e no ensino fundamental, que considere as construções das rotinas que legitimem os dois períodos, mas que também possam integrá-las e contribuir com as culturas infantis, assegurando que a os períodos de transição sejam respeitados e que possam contribuir com novas reflexões sobre o desenvolvimento das aprendizagens na Educação Infantil e ensino fundamental.

DE CRIANÇAS A ALUNOS: TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS NA PASSAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL.

Flávia Miller Naethe Motta (MOTTA, 2011) apresenta neste artigo seu percurso enquanto pesquisadora da Educação Infantil de um grupo de crianças, no município de Três Rios, no Rio de Janeiro. Acompanhando a rotina de grupo ela tem como objetivo conhecer as culturas infantis e as relações de poder que presentes nos processos socializadores na Educação Infantil. Como o desenvolvimento da pesquisa, definiu dar continuidade abordando como seria a transição destas crianças para o ensino fundamental. A metodologia adotada foi a observação participante, registros em diários de campo sobre as diferenças dos processos educativos na escola, comparados com as concepções da Educação Infantil.

Com as bases teóricas da sociologia da infância, a autora, delimita uma estratégia para dar continuidade na sua pesquisa através de bases teóricas que direcionam seus estudos para a questão do ensino, como a teoria histórico-cultural. Elabora diálogos com os fundamentos teórico-metodológicos nos conceitos de Bakhtin, Vigotski, Foucault, Certeau e Sacristán na busca de solucionar as questões que se coloca sobre a cultura infantil e escolar.

Motta (2011) desenvolve críticas significativas comparando as divergências das linguagens e culturas infantis para as crianças da Educação

Infantil e para o ensino fundamental, considerando as mudanças repentinas nas disciplinas dos corpos, da interatividade entre as crianças e da punição das crianças que não se uniformizam rapidamente. As crianças rapidamente organizam dinâmicas nas culturas infantis, desenvolvendo modos de interagir entre si com as limitações impostas pela diferenciação entre a Educação Infantil e ensino fundamental, libertando seus corpos e suas linguagens infantis com: movimentos, brincadeiras e interações que passam despercebidas pelos adultos. Inúmeros agenciamentos entre as crianças que reproduzem a ordem que aprendem na transição sobre como devem se comportar e se expressar na escola.

O silêncio é um conceito particular dentro da escola. A dinâmica é de movimentação permanente das crianças, embora a um observador apressado pudesse parecer que a aula transcorria dentro da representação que fazemos dela: a professora explicando a tarefa e as crianças executando-a de maneira ordeira. Na prática, o cotidiano revela uma série de ações que ocorrem em paralelo e são invisíveis e inaudíveis para quem pretende ver somente a dimensão opressora da realidade. Os próprios corpos se revelam menos dóceis do que imaginávamos, e as crianças circulam, autorizadas ou não, pelo espaço escolar. (Motta, 2011, p.168)

O artigo de Motta (2011) contribui para pensarmos o quanto a função de educar na Educação Infantil precisa transgredir a concepção da cultura escolar do ensino fundamental, garantindo que as crianças possam utilizar suas linguagens, que tenham suas produções respeitadas, suas falas articuladas com suas experimentações e descobertas.

EDUCAÇÃO, LITERATURA E CULTURA DA INFÂNCIA: COMPREENDENDO O FOLCLORE INFANTIL EM FLORESTAN FERNANDES

Patrícia de Cassia Pereira Porto (PORTO, 2014) apresenta em seu artigo a significativa pesquisa de Florestan sobre os elementos culturais no desenvolvimento das crianças e de suas culturas. Florestan Fernandes (1979) dedicou parte de seus estudos para visibilizar como as crianças socializavam brinquedos e brincadeiras através das experiências que adquiriam e transformavam. O folclore como um jogo muito presente nas vivências da infância que não apenas assimilavam e reproduziam o patrimônio que absorvia dos adultos, mas que por sucessivas transmissões acaba adquirindo as

configurações da cultura infantil. Florestan Fernandes (1979) destaca o folclore, seus aspectos lúdicos dos jogos, brinquedos e brincadeiras como um importante recurso de aprendizagem nas rotinas infantis.

A socialização das crianças, os conflitos e as subjetividades que surgem nos grupos infantis indicam que a infância é período onde as práticas na Educação Infantil estejam voltadas para questões democráticas e emancipatórias, conforme (PORTO, 2014):

Para aqueles que descendem das classes mais baixas a infância será marcada pela expectativa de inúmeras superações, intempéries e todos os déficits de formação, decorrentes da distância abissal entre as camadas mais pobres e as mais privilegiadas deste país. Mas, ainda assim, não podemos, numa visão reducionista, deixar de considerar a capacidade de subversão do que pode parecer "destino definitivo", afinal é justamente na infância que mora a primeira possibilidade de transgressão de lugar, de superação e não aceitação do *factum*; o primeiro lugar de escolha e materialização da existência, do ser-no-mundo e do ser-com-o-mundo. (PORTO, 2014, p.135)

A cultura infantil está inserida em um contexto social, mas suas dinâmicas subjetivam a estrutura das suas culturas, transgredindo a forma como se relacionam e promovendo mudanças que através do folclore, vão sendo transformados e originam novas percepções nas interações sociais. Porto (2014) considera que a relação das crianças com a literatura, com o folclore presente em diversas culturas, seja capaz de compor uma prática na Educação Infantil que considere a criança como produtora de cultura, mas principalmente como emancipadora do processo educacional que não é reprodutivo, mas inventivo e transformador.

A CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

Beatriz de Oliveira Abuchaim (ABUCHAIM, 2015) desenvolve em seu artigo uma síntese das práticas pedagógicas da Educação Infantil com a análise

dos trajetos históricos do currículo para as infâncias, como também agregando contextos políticos e a discussão com um grupo de educadores que atuam em duas escolas da rede municipal de São Paulo, com o intuito de articular a análise histórica com a ação dos sujeitos.

A trajetória que autora destaca no processo de elaboração dos percursos histórico da Educação Infantil, destaca políticas de atendimento assistencial para as crianças no Brasil. Considera aspectos políticos e sociais que culminaram no currículo da Educação Infantil no município de São Paulo. As trajetórias dos parques, as primeiras instituições de atendimento à criança, as pré-escolas e creches se destacam com as conquistas legais como a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996. Podemos notar mudanças significativas sobre o direito das crianças e um debate mais efetivo sobre a função da Educação Infantil. A autora delinea as influências teóricas e as transformações nas concepções e práticas do trabalho pedagógico com as crianças através dos estudos da pedagogia, psicologia, sociologia e antropologia, para desvendar como o currículo foi se construindo lentamente até as propostas atuais que normatizam as creches e pré-escolas no município de São Paulo sobre a integração do brincar, educar e cuidar com o uso das múltiplas linguagens na Educação Infantil.

EDUCAR E CUIDAR DO CORPO: BIOPOLÍTICA NO ATENDIMENTO À PEQUENA INFÂNCIA

Ana Cristina Richter; Alexandre Fernandes Vaz (RICHTER; VAZ, 2010) desenvolvem neste artigo uma reflexão acerca da biopolítica do corpo nas instituições infantis. Em um primeiro momento, elaboram um mapeamento histórico sobre como as práticas higienistas se constituíram no atendimento institucionalizado a criança através dos dispositivos legais como a Declaração Universal dos Direitos das Crianças, os Parâmetros Curriculares Nacionais e os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) abordam as questões das rotinas de higiene como promotoras de saúde. Os autores discutem o discurso higienista e como ele se engendra em uma lógica do pensamento moderno em controlar e gerir os corpos desde a infância, por

meio de processos que pretendem homogeneizar ou estabelecer um modelo sobre como os corpos devem ser cuidados.

Em um segundo momento, apresentam os resultados de uma pesquisa etnográfica, em uma creche pública em Florianópolis, Belo Horizonte, com 180 crianças, de zero até cinco anos e 38 profissionais que atuam na mesma. Com o propósito de identificar o discurso higienista na rotina das crianças, os autores deste artigo destacam as falas das merendeiras, auxiliares de limpeza e educadoras sobre a sujeira associada com a condição econômica e inferiorizando as práticas de higiene associadas com a pobreza e manifestando repúdio. Um discurso que sobrepõem uma cultura de higiene, pautada em origens sociais e econômicas. A observação dos autores sobre como as educadoras conduziam os momentos de higiene das crianças também está em consonância com o pensamento moderno de produtividade, visto que estes momentos eram realizados com falas que remetiam temporalidade, escassez de tempo para vivenciar os momentos de higiene e alimentação.

A rotina da/na creche acaba, assim, por operar sobre uma *infância nua* na qual se atribuem qualificações, tais como aquelas que vigoraram e vigoram com as concepções higienistas dos séculos passados: pequenos limpos, saudáveis, nutridos, enfeitados, cheirosos. Essas crianças que a frequentam talvez não morram por desnutrição, obesidade, doenças infectocontagiosas. A instituição e seus agentes auxiliam na diminuição das taxas de mortalidade por doenças, *criando sobreviventes*. Mas isso não impede que essa vida seja *matável*. Embora livres de doenças infecto-contagiosas, esses pequenos podem ser eliminados como aqueles que compõem turbas ou bandos, incluídos-excluídos, marginalizados que a própria sociedade produz. Por outro lado, já estão eliminados da possibilidade do alcance de uma posição de sujeitos políticos, visto que, em tempos de biopolítica (e de experiência expropriada), a *ação humana não tem voz*, encontrando-se encolhida como elemento de nossa *condição humana*. (RICHTER; VAZ, 2010, p. 130-131)

A LINGUAGEM ORAL COMO ELEMENTO INTEGRANTE DA BRINCADEIRA.

No artigo desenvolvido por Dânia Monteiro Vieira Costa e Cláudia Maria Mendes Gontijo (COSTA; GONTIJO, 2011), destaca-se a relevância dos gêneros discursivos no desenvolvimento da linguagem oral das crianças na

Educação Infantil. Por meio de uma pesquisa de observação participante, em uma instituição que atendia crianças de 2 até 6 anos, as autoras localizam nos momentos de brincadeiras, aspectos que identificam a linguagem como um elemento do brincar. Para o registro e análise das brincadeiras, foram utilizados diários de campo e vídeo-gravações. As pesquisadoras destacam três brincadeiras que reconhecem como expressivas para exemplificar o valor do brincar conforme a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural.

Na primeira brincadeira que as autoras descrevem, uma criança insere a professora e outras crianças, ao brincar com representações que se aproximam de vivências familiares. Ludicamente, ela oferece tampinhas de plástico como pipoca para a professora e desenvolve interações através da linguagem oral que remetem às recepções que os adultos fazem às visitas, talvez como uma tentativa de assumir ludicamente as funções de um adulto no preparo de alimentos. A mesma criança também inicia a organização de uma brincadeira que remete a uma festa de aniversário. A partir de novas atribuições ou significações lúdicas para os objetos, representa papéis sociais das relações familiares e sociais.

A descrição da segunda brincadeira tem um caráter religioso, das apropriações das crianças sobre as relações sociais, mas principalmente sobre o uso da linguagem conforme o papel social que desempenham. O grupo de crianças decide brincar de casamento, onde uma criança utiliza-se da linguagem e do discurso religioso para desempenhar a função de sacerdote. A organização do casamento, a distribuição de papéis sociais e até mesmo a reprodução de falas que envolvem os protocolos de cerimônias de casamento ou religiosas são mencionadas pelas crianças do grupo. A brincadeira retrata os pressupostos da teoria histórico-cultural de que o brincar é construído culturalmente, através das relações que estabelece com a sociedade (COSTA e GONTIJO, 2011).

Um grupo de crianças é observado em outro momento, e as autoras identificam uma brincadeira que retrata as vivências escolares. As crianças representam a função, a postura e as linguagens, como a música que anuncia a atividade ou até mesmo a ênfase dada com a mudança da entonação na voz, nos momentos em que lê para o grupo. A criança lê as imagens e cria situações de interação que já vivenciou na cultura escolar. Dânia Monteiro Vieira Costa e Cláudia Maria Mendes Gontijo (COSTA E GONTIJO, 2011) exemplificam o brincar

na “esfera” escolar, como um agrupamento de conhecimentos adquiridos socialmente, que ganham significado com as pertinências culturais que as crianças ajustam.

Para a Psicologia Histórico-Cultural, a brincadeira da criança não é instintiva, a brincadeira tem origem nas relações humanas que se desenvolvem nas mais variadas esferas de comunicação humanas. Nesse sentido, quando as crianças recontam as histórias lidas pelas professoras, elas o fazem porque presenciaram essa atividade e, na busca de compreensão desse mundo cultural, constroem atividades lúdicas que lhes permitem inserir-se nessas esferas e, portanto, compreendê-las. (COSTA; GONTIJO, 2011, p.279).

A pesquisa de Dânia Monteiro Vieira Costa e Cláudia Maria Mendes Gontijo (COSTA E GONTIJO, 2011) reforça duas perspectivas que consideramos relevantes na prática da Educação Infantil: o educador que brinca, reconhecendo no jogo entre as crianças a potencialidade de conhecer como interpretam as culturas que estão inseridas na cultura infantil e o desenvolvimento de interações linguísticas de qualidade com as crianças, desenvolvendo a escuta, a fala e acreditando nas potencialidades dos gêneros discursivos na Educação Infantil.

JOGOS E BRINCADEIRAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRE O DITO E O ESCRITO.

As brincadeiras e jogos com função pedagógica na Educação Infantil são estudadas neste artigo por Aliandra Cristina Mesomo Lira e Cecília Hanna Mate (LIRA E MATE, 2013). As autoras pesquisam como o brincar é desenvolvido nas práticas pedagógicas da Educação Infantil através de atividades dirigidas ou livres, debatendo desta forma, como o educar para brincar e o educar brincando engendram as práticas com bebês e crianças nas instituições infantis.

As autoras escolhem como início para suas reflexões, a origem do brincar como uma prática pedagógica da Educação Infantil, referenciando as questões sobre o brincar nos pressupostos de Friederich Froebel e a interpretação que fizeram sobre as suas considerações sobre o brincar como um exercício de criatividade, liberdade e satisfação de necessidades internas de transformar os ímpetus internos em brincadeiras ou jogos. Aliandra Cristina Mesomo Lira e

Cecília Hanna Mate (2013) consideram com a análise que fazem sobre as rotinas nos jardins-de-infância, que utilizaram das teorias de Froebel, o equívoco sobre as interpretações que foram realizadas sobre o brincar, destacando que o uso de jogos e brincadeiras dirigidas, pouco privilegiavam o desenvolvimento da subjetividade infantil. Até mesmo em atividade de modelar, manipular, as crianças eram orientadas por modelos.

Aliandra Cristina Mesomo Lira e Cecília Hanna Mate (2013) enfatizam que o brincar nas práticas educacionais para o atendimento de bebês e crianças enfatizam da importância do lúdico no desenvolvimento das crianças, nas especificidades das infâncias, mas principalmente do brincar como um “artefato cultural” para desenvolver habilidades, modelos e até mesmo na disponibilidade de brinquedos, onde o adulto gerencia o brincar, que deveria ser compreendido com maior ênfase pelo viés da subjetividade, da espontaneidade e imaginação. Segundo Aliandra Cristina Mesomo Lira e Cecília Hanna Mate (2013);

Assim, se considerarmos as experiências vividas historicamente pelas crianças nas instituições educativas vislumbramos momentos de educação e vigilância, objetivos que se implicavam mutuamente e mais do que a potencialidade de produzir sujeitos dóceis e disciplinados, aludem a modos de governar a si mesmo ao internalizar as regras, comportamentos, hábitos. (LIRA E MATE, 2013, p.16)

As autoras deste artigo buscam visibilizar o brincar como uma construção histórica sobre repertórios e modelos, desenvolvidos pelo pensamento moderno para o controle das crianças. O brincar supervisionado, orientado e mediado pelo adulto promoveram através dos estímulos nas práticas pedagógicas os saberes que satisfazem aos ideais de produtividade. Lira e Mate (2013) reforçam a possibilidade do discurso sobre a importância do brincar nas práticas pedagógicas ser analisado conforme um acontecimento, buscando correlações, exclusões e possibilidades de encontrar novos significados.

O MENINO, OS BARCOS, O MUNDO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.

O estudo de Rita Maria Ribes Pereira (PEREIRA, 2010) destina-se a compreender como as tecnologias digitais contribuem com a aquisição do conhecimento pelas crianças, em um estudo instigado por uma situação familiar, ilustrado sobre o interesse de seu filho por barcos e as aprendizagens que desenvolvia através das tecnologias e outros aparatos técnicos. Sua análise percorre os pensamentos de Bakhtin (2000) e Benjamin (1993) sobre a relevância dos aspectos sociais, dos contextos que denotam singularidade aos processos de aprendizagem, mas também se constroem na tensão com o todo. Pereira (2010) dedica-se a utilizar esta referência teórico-metodológica, utilizando a experiência singular de um menino com reflexões sobre as infâncias contemporâneas e suas relações com as tecnologias digitais. A autora traz uma importante reflexão sobre a sua experiência enquanto professora e formadora de professores para a Educação Infantil,

Dialogar com as crianças em seus espaços privados parece uma alternativa metodológica promissora para a pesquisa dedicada a compreender a sua relação com os aparatos técnicos. Tendo por referência uma trajetória de mais de dez anos de pesquisa com crianças realizada no ambiente escolar, venho constatando que esse contexto, embora riquíssimo para investigar temáticas que envolvam as crianças e seus pares, não se apresenta fecundo para uma análise mais pormenorizada da relação das crianças com as tecnologias digitais, mais especificamente com o computador e a internet. Tenho observado que mesmo as escolas que disponibilizam esses aparatos e os incluem em seus projetos curriculares, raramente (ou nunca) permitem o livre acesso das crianças à infinidade de sites e programas que essas tecnologias permitem. Muitas vezes o contato na escola se reduz aos jogos e softwares educativos. Com isso, as experiências tecnológicas vividas pela criança na escola, são bastante diferentes daquelas vividas em outros espaços, seja a sua casa ou as lan houses. (PEREIRA, 2010, p.42)

A autora relata a experiência infantil sobre a utilização de aparatos técnicos em sua família que faz uso das tecnologias digitais. Inúmeras vivências são relatadas pela pesquisadora sobre o manuseio do computador, da câmera fotográfica, manuseio do teclado, mouse, inicialmente em jogos que lhe despertavam interesse. Posteriormente, a criança inicia o uso de programas para a escrita e brinca com as composições das letras, das palavras e suas apresentações em cores, estilos e tamanhos. E através destas experiências que Pereira (2010) elabora suas reflexões sobre as primeiras aventuras da criança

em escrever com o uso das tecnologias digitais e como esta ação instigava a exercitava a escrita no computador e no papel.

Aprender a ler e escrever ortograficamente foi um desdobramento desse jogo de muitas idas e vindas que envolve não apenas a linguagem escrita, mas a descoberta de inúmeros signos tecnológicos e comandos de computação. Muitas dessas descobertas nasceram da aventura autônoma e desbravadora do Menino no computador e convidam a uma reflexão significativa para o contexto pedagógico. Para as crianças os aparatos técnicos são brinquedos e a relação que estabelecem com eles é de jogo. As crianças não temem a tecnologia porque a percebem como uma linguagem nativa colocada a serviço do seu jogo. Diferentemente, para os adultos, os aparatos técnicos representam um mundo estranho a espera de tradução e demandam uma relação cuja gravidade se assemelha ao trabalho. Mais do que fomentar dicotomias, a intenção é trazer para o debate esses distintos modos de relação com as tecnologias, uma vez que ajudam a dar visibilidade a questões epistemológicas nem sempre facilmente perceptíveis. (PEREIRA, 2010, p.44)

A pesquisadora considera que as crianças utilizam as tecnologias com a função lúdica do jogo, enquanto os adultos observam a tecnologia como um instrumento de preparação, um aparato técnico, com uma função instrumental. Pereira (2010) considera;

A utilização das mídias, o acesso ao que a autora associa ao jogo é identificado como um significativo ponto de reflexão sobre a posição social que as crianças possuem e como outros aspectos nas suas relações com os adultos podem nos surpreender sobre a compreensão dos processos cognitivos. A pesquisadora reflete sobre a relação das crianças com as tecnologias digitais e destaca que a construção do conhecimento infantil percorre as ferramentas, mas também as singularidades que estas experiências cognitivas permitem. O uso da tecnologia e suas vivências trouxeram novas nuances para as brincadeiras da criança e a articulação de novos conhecimentos. As brincadeiras (PEREIRA, 2010):

Dentre as brincadeiras prediletas do menino, uma, inspirada na regata, consistia em espalhar pelo chão pequenas letras de plástico colorido simulando uma regata de barcos. Aos poucos fui percebendo que essa brincadeira tornava visível o domínio de complexos conhecimentos matemáticos e geográficos e que a organização do seu pensamento na construção dessa brincadeira

seguia um caminho muito próximo dos processos envolvidos na aventura tecnológica no computador. A organização da sua regata implicava uma diversidade de conhecimentos e de análises combinatórias: os nomes dos países, as letras iniciais, suas bandeiras, a localização dos continentes, países e ilhas, as línguas faladas em alguns desses países, os conceitos de ordem e classificação, as diferenças entre número e letra. (PEREIRA, 2010, p.51):

A diversidade de conhecimentos que a criança adquire no desenvolvimento de seu interesse inicial por barcos denota o quanto os temas de interesses são importantes para a aprendizagem das crianças, mas como principalmente estes os processos cognitivos podem estar presentes na Educação Infantil.

AS FORMAS DO CORPO: MARCAS DAS DIFERENÇAS EM PERSONAGENS GORDOS DA LITERATURA INFANTIL

O artigo elaborado por Iara Tatiana Bonin e Rosa Maria Hessel Silveira (BONIN; SILVEIRA, 2010) discute a cultura do corpo na literatura infantil analisando questões de diferenças que surgem com os personagens obesos em cinco histórias. As autoras concebem que é através do corpo que adquirimos as primeiras identidades e relações com as culturas a que pertencemos. A possibilidade de alterar as características dos corpos com o uso de acessórios, modificação da cor dos cabelos, a postura corporal, também são exemplos de como as “codificações” onde os corpos são reconhecidos por suas culturas ou assinalados como desviantes. A centralidade do corpo na constituição da identidade é um aspecto significativo na Educação Infantil porque considera uma etapa em que a criança está elaborando uma série de hipóteses sobre as identidades, conhecendo o corpo e explorando suas linguagens.

A cultura do corpo acompanha períodos históricos e possui demarcações e modelos variados, mas sempre idealizada conforme as ideologias e políticas que a observam como um dispositivo de controle. As autoras colocam que o discurso da contemporaneidade sobre o corpo contempla que as responsabilidades pelo próprio corpo, por sua saúde, preservação e envelhecimento, são difundidas por várias instâncias como aspectos de

negligência ou cuidado. A literatura infantil foi a via que os adultos encontraram para difundir valores e a relação com o corpo também.

Na análise dos cinco livros infantis selecionados para a análise realizada por Iara Tatiana Bonin e Rosa Maria Hessel Silveira (2010) foram identificados saberes que articulam a questão da obesidade com o leitor sobre como aceitar a singularidade do seu corpo, o reconhecendo como “diferente” do padrão estético que homogeneiza a cultura de corpos magros ou a busca pela resolução do desvio do modelo difundido, o tornando-o um corpo aceito como “normal”.

(...) Se retomarmos as considerações feitas inicialmente sobre a conexão histórica entre literatura infantil, infância e caráter pedagógico, fica bastante evidente o caráter educativo e formativo de tais livros, que, ora abrindo mais espaço para a fabulação literária tradicional, como em *João não cabe mais em seu calção*, ora se alinhando à fecunda vertente contemporânea da auto-ajuda, como em *Os conselhos de Lobinho: ninguém é perfeito*, ora trazendo narrativas ficcionais com um forte acento exemplar, como em *Passarilhar-se* e *Meu nome não é gorducho*, estão presentes nas escolas e nas livrarias, nas bibliotecas e nas casas, ensinando às crianças o que é afinal “ser gordo” e o que se deve fazer, frente a essa “diferença”, a esse “desvio”, a esse “ser outro”. (BONIN; SILVEIRA, 2010) p.89)

O ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA CRIANÇAS OUVINTES E SURDAS: CONSIDERAÇÕES COM BASE NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL.

O artigo refere-se ao ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na Educação Infantil com o objetivo de desenvolver processos mediadores entre crianças surdas e ouvintes com a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. A pesquisa é uma investigação bibliográfica e conceitual, desenvolvida por Hivi de Castro Ruiz Marques, Sonia Mari Shima Barroco e Tânia dos Santos Alvarez da Silva (MARQUES; BARROCO; SILVA, 2013) no período de 2011 e 2012. A pesquisa indica aspectos da legislação, da formação humana e dos processos inclusivos para o desenvolvimento de crianças surdas e ouvintes. Utilizando o referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural consideram que os processos socializadores de qualidade são fundamentais para a formação humana,

aquisição da cultura e inserção social. O estudo de Vygotski (1896-1934) constituem a base teórica que as autoras utilizam, bem como dois estudiosos que também compuseram o grupo de pesquisa de Vygotski: Luria (1902-1977) e Leontiev (1903-1979). Tal escola psicológica fundamenta-se na compreensão de que o ser humano só pode ser compreendido pela totalidade histórica e pela apreensão dialética da vida humana, conforme expressam Marques; Barroco; Silva (2013).

A Psicologia Histórico-Cultural dedicou parte de seus estudos para compreender como a aprendizagem era importante para o desenvolvimento, elaborando considerações relevantes, nomeado por Vygotski como: defectologia. As pesquisas que se direcionavam para as condições de aprendizagem de seres humanos que apresentavam dificuldade sensorial como, por exemplo, a surdez. A educação dos surdos no Brasil obteve progressos nas últimas décadas e as autoras destacam como o ensino da língua de sinais poderia contribuir com o desenvolvimento de crianças surdas, ouvintes, potencializando a comunicação e saberes entre elas.

Nessa direção, entre tantas questões da prática escolar que podem ser suscitadas, destacamos que, ao se estudar o conteúdo curricular próprio da Educação Infantil, não há previsão de ensino, para os alunos ouvintes, da língua brasileira de sinais (Libras), mesmo em situações de matrícula de alunos surdos usuários da Libras nas turmas de Educação Infantil. Assim, em nossa pesquisa indagamos quanto o ensino da Libras poderia favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças surdas e ouvintes. Justificamos que a inserção desse ensino permitiria à criança surda multiplicar o número de interlocutores, passando a ter acesso a trocas linguísticas efetivas com seus pares, enquanto para as crianças ouvintes um novo mundo pode se descortinar, dando-lhes o acesso a um universo cultural até então desconhecido, além de um trabalho corporal diferenciado do existente nesse ensino. Isso significa que com esse ensino as crianças podem se interessar por uma linguagem que emprega recursos como movimento e expressões corporais e faciais, pois estas crianças se encontram em fase de descoberta do mundo e de como podem nele se situar e sobre ele agir. (MARQUES; BARROCO; SILVA, 2013, 505)

O artigo faz considerações sobre a relevância da linguagem socializada com os pares, no desenvolvimento infantil e as propostas previstas para a Educação Infantil, com a intencionalidade de debater o ensino como uma ação

necessária para a inclusão concreta e desenvolvimento das crianças surdas e ouvintes.

A LINGUAGEM DA CULTURA CORPORAL SOB O OLHAR DA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL.

O artigo de Mônica Caldas Ehrenberg (EHRENBURG, 2014) promove questionamentos acerca da presença do educador físico nas instituições de Educação Infantil. A autora considera que a linguagem corporal é responsável por muitas aprendizagens das crianças. O gesto, o movimento, o conhecimento sobre o próprio corpo, antecedem as primeiras palavras e são significativos para as crianças. Desenvolve uma pesquisa qualitativa e descritiva com 43 professores de Educação Infantil, em diversas instituições de educação da rede pública e particular. Os resultados obtidos pela pesquisadora reforçam a presença de atividades corporais nas instituições sem o acompanhamento de um educador físico, elaborada por um professor de Educação Infantil, que por muitas vezes define a linguagem corporal como atividades dirigidas de movimento, dança e jogos. Conforme Ehrenberg (2014), ampliar o conceito da linguagem corporal é importante para que os adultos se comuniquem com as crianças e elas aprendam cada vez mais sobre as potencialidades de expressão do próprio corpo.

Ao jogar, ao dançar, ao lutar, ao brincar, as crianças se comunicam e transformam em linguagem o movimento humano, ou seja, a cultura corporal que a criança expressa é intencional, representativa, traz sentidos e significados. (EHRENBURG, 2014, p.186)

Uma consideração que a pesquisa de Ehrenberg (2014) coloca é a da supervalorização das linguagens artísticas, gráficas, pictóricas e orais, em relação as linguagens corporais. Na pesquisa com os educadores ela identifica respostas em que os mesmos delimitam a frequência de atividades, pré-estabelecendo horários e dias da semana para a realização de atividades corporais. A pesquisadora levanta a questão de que as crianças estão o tempo todo utilizando as linguagens corporais para se comunicarem. Entretanto, no questionário que desenvolve com os professores, em nenhum momento a expressividade corporal é descrita como possibilidade de comunicação. Outro aspecto que a autora aborda é a obtenção de respostas nas entrevistas

realizadas com os educadores sobre a justificativa de ausência de espaço para desenvolver atividades corporais ou a restrição das mesmas ao uso do parque, a pesquisadora reitera que é possível utilizar as linguagens corporais em diversos espaços e ambientes.

O resultado da pesquisa aponta o conflito teórico, conceitual e formativo dos professores de Educação Infantil sobre as linguagens corporais. A autora sugere a permanência de um educador físico nas creches e pré-escolas, na elaboração, acompanhamento e desenvolvimento destas linguagens através de um olhar mais pautado na expressividade, na criação e permeabilidade destas linguagens com outras.

A ênfase que a pesquisadora atribui aos conhecimentos sobre o corpo e as suas linguagens por crianças e professores da Educação Infantil, está de acordo com as expectativas legais e normatizadores que mencionam uma proposta pedagógica pautada no uso de diversas linguagens, capazes de promover a aprendizagem da criança sobre si, sobre o mundo em que vive e de representá-lo.

PRODUÇÃO COLETIVA DE TEXTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O TRABALHO DE MEDIAÇÃO DOCENTE.

A pesquisa apresentada neste artigo propõe uma análise da prática e processo de elaboração de textos coletivos na Educação Infantil, adotando a perspectiva sociointeracionista de Schneuwly (1988). As autoras Fernanda Michelle Girão e Ana Carolina Perrusi Brandão (GIRÃO & PERRUSI, 2014) desenvolveram a pesquisa com a participação de duas professoras na Rede Municipal de Educação Infantil de Recife e seus grupos de crianças com idades entre cinco e seis anos. As pesquisadoras propuseram estudos sobre a produção coletiva de textos com as professoras e a análise de três produções de textos coletivos conduzidos por cada uma das professoras com os grupos de crianças. Estas produções foram videogravadas e transcritas literalmente para a elaboração da análise que é apresentada contextualmente e considerações de entrevistas realizadas com as professoras envolvidas na pesquisa. A análise de

conteúdos (BARDIN, 2002) foi a abordagem eleita para a elaboração das categorias de análise das produções textuais coletivas. A seleção das salas que participariam da pesquisa foi determinada conforme descrevem (GIRÃO & BRANDÃO, 2014);

Com base nesses princípios, analisamos a produção coletiva de textos nas salas de duas professoras da última etapa da Educação Infantil em duas escolas da Rede Municipal de ensino da cidade do Recife. As escolas atendiam famílias que residiam na periferia do Recife, e as crianças tinham entre 5 e 6 anos de idade. A professora A tinha 42 anos, era pedagoga, com 28 anos de experiência na docência, sendo 18 na Educação Infantil. A professora também tinha o título de especialista em Literatura Infantil. Sua turma contava com 25 crianças. A professora B também era pedagoga, tinha 30 anos de idade e há 10 anos trabalhava como docente na Educação Infantil. Seu grupo era composto por 14 crianças. Ambas foram indicadas por seus pares e gestores como profissionais competentes e que propunham, com frequência, a escrita coletiva com os pequenos. Num contato inicial, as duas docentes demonstraram interesse em participar do estudo e afirmaram ter disponibilidade para frequentar “os grupos de discussão”, tal como será explicitado a seguir. (GIRÃO; BRANDÃO, 2014, p.123)

As produções textuais foram videogravadas e analisadas por dois juízes independentes entre onze categorias apresentadas e em situação de divergência um terceiro juiz apontava a categoria desejada nos recortes. Brandão e Girão (2014) apontaram um índice de 77,8% de acordo entre os dois juízes eleitos para a classificação em categorias. As autoras percorrem as pesquisas realizadas por Guerra (2009) e Pascussi & Rossi (2005) para compreender desafios sobre a produção de textos coletivos com crianças, concluindo que a prática da escrita coletiva exige um posicionamento da educadora como escriba, mediado e coautora do texto. Os resultados que encontraram nas pesquisas com seus grupos revelaram aspectos significativos sobre a produção de textos coletivos na Educação Infantil com as seguintes categorias: gênero textual, destinatário, finalidade, autoria, geração de conteúdo, conteúdo, processo de textualização, retomada atividades anteriores, revisão textual, leitura do texto e avaliação do texto.

Nas mediações elaboradas pelas professoras com as crianças no processo de pesquisa foi identificado que para a elaboração do texto coletivo houve muita ênfase no destinatário e a avaliação do texto, em contraponto ao

pouco incentivo à participação das crianças no processo de textualização e geração de conteúdo textual. As autoras concluem em suas análises aspectos que podem contribuir com a prática da escrita na Educação Infantil enfatizando o conhecimento das professoras em relação às propostas que encaminham com as crianças, como as intervenções podem ser articuladas e também a postura ou referencial que podem facilitar ou deduzir algumas categorias indicadas na pesquisa. A elaboração de textos coletivos exige do educador a utilização de muitas ações e mediações simultâneas, mas é uma ferramenta essencial na aprendizagem das crianças sobre o significado social da escrita, a diversidade dos portadores textuais e os elementos essenciais para os futuros registros que irão elaborar futuramente através da escrita. Brandão e Girão (2014) consideram que a produção de textos coletivos na Educação Infantil precisa ser constantemente refletida porque exige uma contextualização do registro que ultrapassa a escrita em si, mas principalmente o processo que constitui a sua elaboração na perspectiva das crianças.

3.2. Análise dos artigos segundo as categorias da pesquisa

O recorte temporal que estabelecemos para as buscas nos bancos de dados nos periódicos acadêmicos classificados como Qualis A1 e Qualis A2, revelou como os eixos da prática pedagógica da Educação Infantil estão pautados nas discussões acerca: das diferenças entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental; da relevância do cuidado com o corpo; das linguagens corporais para as crianças; da produção da cultura infantil; da aquisição da linguagem oral, escrita e tecnológica.

Apresentamos a análise dos resultados referentes a cada uma das categorias, buscando compreender como estes podem contribuir para refletirmos sobre a prática pedagógica na Educação Infantil.

3.2.1. Artigos referentes ao descritor educar

Os dados obtidos com o descritor educar, no recorte temporal que propusemos para a pesquisa, identificaram a publicação 4 artigos, distribuídos

nos anos de 2011, 2014 e 2015. Educar na Educação Infantil é um tema que promove muitos debates acerca do processo histórico, das concepções pedagógicas, das transformações nas concepções de criança e infância. A elaboração e a promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) trouxeram novos elementos para as práticas pedagógicas como: as especificidades das linguagens infantis, uso dos espaços, brincadeiras e interações. Tal documento ressalta a identidade da Educação Infantil e colabora com discussões no campo sobre como o educar acontece nos cotidianos de creches e pré-escolas. Nestes dados que localizamos para a pesquisa, os artigos problematizam a escolarização, as relações de poder e a elaboração do currículo.

A escolarização nas práticas da Educação Infantil é abordada em dois artigos, criticando a função da pré-escola como uma etapa preparatória para o ensino fundamental e os conflitos contemporâneos sobre a implantação de mais um ano no ensino fundamental conforme a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 (BRASIL, 2006) que delimitam o prazo de regularização dos estabelecimentos educacionais até 2010. A Educação Infantil antecede o ensino fundamental, mas a aquisição de práticas do ensino fundamental como um procedimento preparatório não configura o ensino nesta etapa, mas a inserção e o diálogo com as crianças sobre um novo espaço e organização educacional.

O artigo de Vanessa Ferraz Almeida Neves, Maria Cristina Soares Gouvêa e Maria Lúcia Castanheira (2011) focaliza um estudo sobre a aquisição da escrita e letramento no período de transição da Educação Infantil para o fundamental evidenciando que as soluções para os conflitos entre ensinar na Educação Infantil e inibir o lúdico no ensino fundamental são apenas recortes de um modo adultocêntrico de sistematizar e categorizar as etapas da educação. O mesmo tema é abordado por Flávia Miller Naethe Motta (2011) em sua pesquisa sobre as relações de poder em um grupo de crianças na Educação Infantil e na transição para o fundamental. Os resultados que a autora compartilha no artigo descrevem as divergências entre as disciplinas dos corpos, e mostram que as crianças resistem e reorganizam dentro da cultura infantil novas formas de brincar e se movimentarem, compondo um cenário que reinventa ou ressignifica espaços e materiais.

A Educação Infantil está amparada por documentos norteadores de uma prática pedagógica não escolarizante, que considere as linguagens infantis e não apenas a aquisição da linguagem escrita. Porém, a sistematização de um currículo e as transformações no cotidiano de creches e pré-escolas revela o conflito com as aprendizagens históricas, sociais e culturais que reproduzem modelos ou teorias pedagógicas que surgiram com a proposta do atendimento e educação de bebês e crianças. Este tema é debatido no artigo de Beatriz de Oliveira Abuchaim (2015) sobre o processo de elaboração do currículo para a Educação Infantil na rede municipal de São Paulo e as influências do percurso histórico e teórico no encaminhamento das propostas pedagógicas.

A identidade da Educação Infantil se fortalece por conceber que seu currículo é pautado nas experiências e inserções da criança em processos socializadores que privilegiem as descobertas e nas subjetividades e especificidades da infância. Escolarizar a Educação Infantil é antecipar vivências do ensino fundamental. A transição da Educação Infantil para o ensino fundamental precisa prever a adaptação da criança sobre uma nova organização e relação com o espaço físico, o uso dos materiais, a ênfase na linguagem escrita considerando as diferenças e refletindo sobre quais contribuições da Educação Infantil poderiam emancipar ou potencializar as aprendizagens no ensino fundamental.

Patrícia de Cássia Pereira Porto (2014) enfatiza em seu artigo as pesquisas de Florestan Fernandes sobre as experiências folclóricas como elementos potentes para educar crianças através da escuta. As inovações que a cultura infantil promove ao recriar novas perspectivas nas relações sociais contribuem com a compreensão do educador sobre como a criança se comunica e reorganiza seus conhecimentos. A escuta da cultura infantil contribui muito com a compreensão do educador sobre os grupos infantis, as diferenciações nas interações e as relações de poder entre as crianças.

Os questionamentos desenvolvidos nos artigos acadêmicos que localizamos como pesquisas que abordavam o educar, evidenciam como as práticas pedagógicas na Educação Infantil problematizam questões pertinentes aos documentos norteadores. Os artigos posicionam uma Educação Infantil não escolarizante, que reconhece a importância da diversidade das linguagens e a importância histórica da construção e percursos teóricos que influenciaram a

prática pedagógica nas creches e pré-escolas que temos atualmente em nos documentos que orientam a prática pedagógica na Educação Infantil, garantindo o acesso e a qualidade.

3.2.2. Artigos referentes ao descritor cuidar

A categoria de análise sobre o cuidar reflete muito o percurso histórico da Educação Infantil, em períodos em que o cuidar era considerado apenas como uma prática assistencialista, mas que, mesmo assim, continha finalidades educacionais. Localizamos apenas 1 artigo nos periódicos pesquisados, publicado no ano de 2010. Após cinco anos da última publicação nos periódicos Qualis A 1 e Qualis A2 com o descritor cuidar, podemos interpretar que este dado problematiza como este eixo é por muitas vezes interpretado com uma perspectiva assistencialista, em que o cuidar está em apenas garantir a alimentação, a higiene e a segurança de bebês e crianças na Educação Infantil ou até mesmo porque se pressupõe que o cuidar está incorporado nas demais discussões do campo porque não se dissocia da prática pedagógica das creches e pré-escolas.

Os cuidados são necessários e se articulam com: o educar, o brincar e as linguagens infantis. Cuidar é um eixo fundamental para a prática pedagógica porque é através dele que a criança conhece o próprio corpo, desenvolve percepções sociais conforme suas experiências físicas e emocionais. Desvincular a presença da prática para discutir o cuidar sem abordá-lo com clareza pode estar vinculado com a desvalorização social e profissional da prática do cuidado nas instituições infantis.

O artigo de Ana Cristina Richter; Alexandre Fernandes Vaz (RICHTER; VAZ, 2010) apresenta uma abordagem histórica e a pesquisa de campo sobre as construções biológicas e políticas presentes na socialização da criança na Educação Infantil. O artigo problematiza a imposição do cuidado com o corpo, desconsiderando as diversas culturas das crianças. O cuidar é abordado como um critério de aceitação social, desenvolvimento de uma cultura hegemônica sobre os corpos e até mesmo a associação de diferentes formas de cuidar do corpo como uma condição econômica desfavorável. A pesquisa debate a imposição social nas práticas pedagógicas para a infância com caráter

higienista. Aponta os processos de exclusão que estão inseridos nas leituras que se desenvolvem sobre os corpos das crianças nas instituições infantis.

A referida pesquisa evidencia como as práticas de higiene nas creches e pré-escolas podem revelar políticas e sobreposições culturais. O cuidar que prioriza a higiene do corpo como uma condição de aceitação social, da hegemonia de uma cultura que se impõe sobre outras. Trata-se, assim, do cuidar na educação infantil pelo viés do higienismo, sem considerar os aspectos referentes às descobertas da criança sobre o próprio corpo e sua expressividade.

3.2.3. Artigos referentes ao descritor brincar

Os 2 artigos localizados na categoria de análise do brincar localizam-se da seguinte maneira: 1 no ano de 2011 e 1 no ano de 2013. Podemos interpretar que a apresentação de apenas 2 artigos ao longo dos últimos cinco anos sobre o brincar na prática pedagógica da Educação Infantil ainda representa uma parcela pouco significativa de produções, considerando o desafio que temos sobre a importância do brincar no desenvolvimento das crianças.

Nesses artigos o debate está centralizado na escolarização ou não, e aparece relacionado às linguagens infantis e sua relevância nas práticas pedagógicas na Educação Infantil e ensino fundamental.

O artigo desenvolvido por Dânia Monteiro Vieira Costa e Cláudia Maria Mendes Gontijo (COSTA E GONTIJO, 2011) retrata como as crianças utilizam a linguagem como elemento para significar suas brincadeiras e representar vivências sociais. Analisa as diversas funções que elas atribuem aos objetos e às brincadeiras que desenvolvem conforme seus os contextos sociais e culturais de que participam. Este artigo que aborda a linguagem oral como elemento da brincadeira promove reflexões sobre a prática pedagógica com as crianças sobre o uso da linguagem para estimular brincadeiras através da escuta e fala. O artigo também promove a busca de novos significados sobre a diversidade de materiais e organização do espaço na Educação Infantil. As autoras relatam como as brincadeiras com tampinhas de garrafas, por exemplo, são enriquecidas com o uso de apenas outro elemento: a linguagem oral.

Como as brincadeiras e jogos são orientados ou observados na Educação Infantil foi tema abordado por Aliandra Cristina Mesomo Lira e Cecília Hanna

Mate (LIRA E MATE, 2013). As autoras consideram como “artefato cultural”, as brincadeiras e jogos que se aproximam aos modelos da produtividade capitalista. A interpretação do brincar como atividade libertadora, criativa, foi se transformando com o pensamento moderno com a ênfase em práticas pedagógicas que se destinam ao desenvolvimento de habilidades nas crianças. As brincadeiras e jogos com as interações dos adultos, com a preparação dos espaços são importantes para as crianças, mas precisamos considerar também as brincadeiras espontâneas, não-estruturadas, que possam ocorrer com a inventividade da infância.

Brincar é um eixo fundamental para a Educação Infantil. É através do brincar que as aprendizagens, as curiosidades que as crianças apresentam suas leituras de mundo. As questões de que tratam os dois artigos localizados com a pesquisa são importantes para o brincar na infância. A maneira como os educadores interpretam e participam das brincadeiras e jogos nas creches e pré-escolas estabelece novos olhares para os registros infantis. A criança brinca e joga em momentos inusitados como: na alimentação, desenhando, escovando os dentes, compartilhando materiais e brinquedos. A brincadeira não está apenas no uso do espaço, dos brinquedos e jogos que estão disponíveis porque a criança desenvolve novos significados para os objetos conforme suas necessidades de expressão ou representação. Com um olhar mais sensível para as possibilidades do brincar, o educador pode intensificar as brincadeiras e jogos investigando junto com as crianças objetos ou brincadeiras que satisfaçam às questões que surgem no cotidiano.

3.2.4. Artigos referentes ao descritor linguagens

A última categoria que analisamos é a do descritor linguagens, na qual localizamos 5 artigos que versam sobre o tema, com a seguinte distribuição por ano de publicação: 2 artigos em 2010, 1 artigo em 2013, 2 artigos em 2014. A localização de cinco artigos com descritor linguagens é analisada como uma quantidade expressiva em relação ao total dos 12 artigos localizados com os quatro descritores: educar, cuidar, brincar e linguagens. Embora nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) as linguagens não constituam um eixo da prática pedagógica, elas são valorizadas como elemento fundamental ao desenvolvimento das interações e brincadeiras.

Educar, cuidar e brincar fazendo uso das múltiplas linguagens da cultura infantil são contemplados pelos doze artigos que apresentamos como resultado, compondo uma análise reflexiva e crítica sobre a função da Educação Infantil e as discussões que identificamos nas pesquisas.

Educar a infância respeitando suas especificidades, considerando a cultura infantil e a relevância das linguagens corporais, linguagens orais, linguagens tecnológicas, entre tantas outras que poderíamos destacar, transformaria as práticas pedagógicas e as concepções sobre as aprendizagens e os saberes das crianças.

O artigo de Rita Maria Ribes Pereira (2010) exemplifica como o processo da aquisição do conhecimento para as crianças é iniciado com as vivências sociais e interesses infantis, capazes de desenvolver inúmeras linguagens através de ações que proporcionem pesquisas e interações dos saberes e descobertas que as crianças realizam diariamente.

As linguagens corporais estão presentes nos resultados da pesquisa, ilustrando como as crianças desenvolvem sua expressividade e aprendizagens através de seus corpos e das linguagens que utilizam através dele. O artigo de Lara Tatiana Bonin e Rosa Maria Hessel Silveira (2010) aborda como as crianças valorizam o corpo e desenvolvem aprendizagens com as leituras que também realizam das representações e valores que vamos lhe apresentando. Quais corpos são aceitos e quais são rejeitados? Quais corpos exercem poder sobre outros?

Mônica Caldas Ehrenberg (2014) pondera em seu artigo que a presença de um educador físico na Educação Infantil desempenharia uma função importante para o conhecimento, consciência e expressividade sobre o próprio corpo.

Patrícia de Cássia Pereira Porto (2014) enfatiza em seu artigo sobre Florestan Fernandes as experiências folclóricas como elementos potentes para educar através da escuta das inovações presentes na cultura infantil.

Entendemos que esta identidade da Educação Infantil é construída também a partir de pesquisas que dialoguem com os desafios impostos pelas rotinas nas práticas pedagógicas com bebês e crianças, dos conhecimentos sobre processos históricos que constituíram o campo com as transformações

nas concepções sobre as infâncias e crianças, que podem conduzir a uma relação inerente das práticas com os pressupostos teóricos da Educação Infantil.

Educar a infância respeitando suas especificidades, considerando a cultura infantil e a relevância das linguagens corporais, linguagens orais, linguagens tecnológicas, entre tantas outras que poderíamos destacar, transformaria a prática pedagógica e as concepções sobre as aprendizagens e os saberes dos bebês e das crianças. O artigo de Rita Maria Ribes Pereira (2010) exemplifica como o processo da aquisição do conhecimento para as crianças é iniciado com as vivências sociais e interesses infantis, capazes de desenvolver inúmeras linguagens através de ações que proporcionem pesquisas e interações dos saberes e descobertas que as crianças realizam diariamente.

A aquisição da linguagem oral e escrita também é abordada por Fernanda Michelle Girão e Ana Carolina Perrusi Brandão (2014) sobre a mediação das linguagens das crianças na produção de textos coletivos. O olhar e a escuta do educador infantil sobre as produções com a linguagem escrita se constituem de uma série de outras linguagens, como por exemplo, a linguagem oral, que antecipa as propostas e finalidades da escrita. Ainda poderíamos ampliar para as linguagens imagéticas, corporais, entre tantas outras que as crianças utilizam em suas leituras para compor uma leitura que se transforma em texto coletivo porque muitas linguagens antecedem os nossos registros com a linguagem escrita.

A supervalorização da linguagem escrita na Educação Infantil dificulta que a criança compreenda as subjetividades impressas na língua que ela está adquirindo. O artigo de Hivi de Castro Ruiz Marques, Sonia Maria Shima Barroco e Tânia dos Santos Alvarez da Silva (2013) possibilita uma análise sobre a relevância da subjetividade da língua e a linguagem através de um artigo sobre a importância da Língua de Sinais para a aprendizagem das crianças surdas e ouvintes como um fator de interação e conhecimento sobre as expressividades do corpo na língua de sinais e ao mesmo tempo promovendo a comunicação oral e gestual das crianças.

Os artigos que analisamos nos trouxeram dados que dialogam com os eixos da Educação Infantil e problematizam questões essenciais para uma prática pedagógica que atende os eixos da Educação Infantil sobre o uso de diversas linguagens para o educar, cuidar e brincar.

Reiteramos que a localização de doze artigos não demonstra uma representatividade desses temas nos periódicos acadêmicos de Qualis A1 e A2, mas que contribui com o mapeamento dos conflitos que envolvem o educar sobre as concepções de currículo e políticas de atendimento, o brincar como um elemento indispensável nas rotinas das crianças, o cuidar com os conflitos assistencialistas e higienistas associados com a condição econômica ou social e o destaque sobre as linguagens corporais e questões sobre as relações entre a língua, a linguagem e a escrita na Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa pautou-se pela seguinte questão: *o que dizem os trabalhos publicados em periódicos da Área de Educação classificados como Qualis A1 e A2, nos últimos cinco anos, sobre a prática pedagógica na Educação Infantil?*

O tripé da Educação Infantil, estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010): educar, cuidar e brincar, associado às linguagens infantis, foram as categorias que elegemos para o levantamento de dados em dezoito periódicos da área de educação classificados no Qualis A1 e Qualis A2.

Tais categorias foram também utilizadas como descritores para a busca dos artigos nos periódicos da área de Educação classificados como Qualis A1 e A2. Reconhecemos que tais descritores representados por verbos no modo infinitivo – como se anunciou no capítulo da metodologia – podem ter trazido limitações aos resultados desta pesquisa. Provavelmente a adoção também de descritores no substantivo – educação, cuidado e brincadeira – pudesse ter adicionado artigos que trouxessem mais evidências acerca dos eixos da prática pedagógica a que se refere esta pesquisa. No entanto, o tempo de que dispúnhamos para concluir o trabalho, aliado a circunstâncias dificultadoras de sua realização, não permitiram tal procedimento. Porém, como um trabalho de pesquisa não se esgota nele mesmo, fica como indicação para próximas pesquisas.

A seguir apresentamos o que Lima e Miotto (2007) consideram como a terceira fase da pesquisa, denominada síntese integradora das soluções.

O **educar** é identificado em nossos dados com os conflitos entre as etapas da Educação Infantil e a transição com o ensino fundamental de nove anos. A legislação garante que as crianças não tenham antecipação dos conteúdos do ensino fundamental, mas muitas vezes a função de educar na Educação Infantil é compreendida como alfabetizar ou desenvolver organizações na rotina que se assemelham com práticas que privilegiam a linguagem escrita e a disciplina dos corpos. Os conflitos e debates que os artigos acadêmicos desta pesquisa discutem sobre o educar se relacionam com o as divergências teóricas sobre os processos de aprendizagem e as experiências na Educação Infantil. Avaliamos

que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) proporcionam orientações importantes para a prática pedagógica nesse sentido. Apontam que educar na Educação Infantil consiste na escuta constante das crianças sobre os seus interesses e propostas motivadoras que considerem as especificidades dos bebês e crianças, em práticas que estejam projetadas e também avaliadas com a intencionalidade de fomentar experiências que articulem os conhecimentos com as reinvenções da cultura infantil.

Com relação ao **cuidar**, foi revelado que este é interpretado à luz de uma cultura higienista, sem se ater ao fato de que ele possui um caráter bastante abrangente e fundamental no desenvolvimento infantil. O artigo que localizamos para esta pesquisa debate a política higienista identificando este discurso presente na prática e muitas vezes associado às condições econômicas de bebês e crianças com uma análise sobre a rotina de uma instituição infantil. Entretanto, não identificamos artigos que abordassem o cuidar e sua relevância para as práticas na Educação Infantil no recorte temporal que propusemos para esta pesquisa. O cuidar não é feito apenas de políticas higienistas, mas de acolhimento e atenção às linguagens do corpo.

O cuidar na Educação Infantil permeia as práticas de educar e brincar nas rotinas das creches e pré-escolas. A construção social e histórica do cuidar apenas tendo em vista aspectos fisiológicos não possibilita a superação da Educação Infantil assistencialista. Ao invés disso, faz-se necessária a discussão sobre novas perspectivas do cuidar associado ao educar e ao brincar. E destacamos este aspecto porque o cuidar brincando muitas vezes é interpretado como associar a identificação das partes do corpo ou agregar uma cantiga durante o banho. Tais práticas não são suficientes, pois o cuidar é, sobretudo, o acolhimento que bebês e crianças recebem em um atendimento de cuidados, com uma interatividade que atenda às suas necessidades e não esteja sempre submetida à sistematização de rotinas coletivas.

Cuidar é respeitar a individualidade da criança e garantir através de muitas linguagens que ela seja acolhida e respeitada. Não envolve apenas o cuidado com o corpo, mas com os processos socializadores com as crianças e adultos nas instituições. A qualidade do cuidado interfere no educar que está previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010). O cuidar está incorporado nas discussões e nas práticas da Educação Infantil.

A brincadeira é fundamental para o desenvolvimento das crianças e se destaca nesta pesquisa pela interlocução com as múltiplas linguagens infantis e como o brincar é um elemento indispensável para os saberes que as crianças vão desenvolvendo sobre si mesmas, sobre o mundo e as culturas que estão inseridas. O **brincar** representa e interpreta as relações sociais da criança com seus familiares, com os objetos, com o próprio corpo, com outras crianças, com os adultos, e inúmeras observações que poderíamos identificar sobre os percursos que ela vai obtendo com suas experiências. Brincar é um direito recente para a infância, que necessita da mobilização de políticas públicas que discutam o acesso e a privação de acesso da criança aos espaços públicos, que reforce e privilegie o brincar. Os artigos que analisamos nesta pesquisa revelam como brincar é um processo criativo, inovador e único para cada criança. Uma ação que expressa os saberes, descobertas e curiosidades de bebês e crianças. As crianças brincam com a fala, com as palavras, com os gestos, com brinquedos, com o corpo e com tantos outros suportes que utilizam para interpretar o mundo.

Para finalizar, abordamos as linguagens, um componente tão importante na Educação Infantil, que permeia todos os eixos, porque é através delas que conseguimos nos comunicar e conhecermos uns aos outros, compartilhando nossas experiências e conhecimentos que adquirimos em nossas vivências. As discussões que os artigos nesta pesquisa revelam sobre as linguagens podem contribuir para pensarmos na importância de considerarmos a diversidade das linguagens infantis – corporal gestual, oral e escrita – e a relevância delas para as aprendizagens da criança, bem como a importância para a avaliação e processo formativo dos profissionais que atuam na Educação Infantil. Os artigos que analisamos nesta pesquisa dialogam com os educadores, chamando a atenção para a necessidade de decodificar em suas práticas os saberes presentes na cultura infantil, com o desafio de transpô-los para atividades que atendam às diretrizes do trabalho pedagógico com bebês e crianças.

Finalmente, foi possível constatar a existência de uma distância entre o que é preconizado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) e o que os resultados das pesquisas revelaram sobre a prática pedagógica existente nas instituições de Educação Infantil, em relação ao educar, cuidar, brincar, e às diferentes linguagens.

Tal constatação aguçou nossa curiosidade acadêmica no sentido de empreender pesquisas futuras que mergulhem no cotidiano das instituições de Educação Infantil, a fim de verificar como se dá a relação entre o que é proposto e o que é vivido em relação aos quatro eixos da prática pedagógica considerados na presente dissertação.

Também restou a curiosidade sobre como tais eixos estariam representados em periódicos menos “qualificados”, uma vez que a presente pesquisa pôde constatar uma presença reduzida deles nos periódicos mais bem classificados. Seria esta uma evidência de pouca prioridade atribuída a esses temas em tais periódicos? De outro lado, uma presença maior não teria mais força para contribuir com a proposição de políticas públicas voltadas à melhoria da Educação Infantil?

Defendemos que a presença forte e constante do debate acadêmico qualificado sobre os conflitos e os conhecimentos no campo tem potencial para contribuir com a vivência efetiva do direito das crianças à educação de qualidade, por meio de propostas pedagógicas que dialoguem com as suas linguagens, educando, cuidando e brincando nas rotinas das creches e pré-escolas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete (Org.). **Estudos da infância no Brasil: encontros e memórias**. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

ABRAMOWICZ, Anete; MORUZZI, Andrea B. **O plural da infância**. São Carlos: EdUFscar, 2010. (Coleção UAB-UFSCar).

ARIÈS, Philippe. **A história social da criança e da família**. Tradução de Dora Falksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BARBOSA, Maria C. S. **Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 14 jul. 2015.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 21 mar. 2015.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2015.

_____. **Parecer CNE/CEB nº 20/2009, de 11 de novembro de 2009 – Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, Brasília: MEC/SEB, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2097-pceb020-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 22 fev.2015.

_____. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 MEC/SEB - Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 18 jan. 2015.

CAMPOS, Maria Malta; FULLGRAF, Jodete; WIGGERS, Verena. A qualidade da Educação Infantil brasileira: alguns resultados de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n.127, p. 87-128, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100005>. Acesso em: 14 abr. 2015.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Eventos interacionais e eventos de letramento: um exame das condições sociais e semióticas da escrita em uma turma de Educação Infantil. **Cadernos Cedex**, v. 33, n. 89, p. 91-107, Campinas abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622013000100006>. Acesso em: 27 mar. 2015.

COSTA, Dânia Monteiro Vieira; GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. A linguagem oral como elemento integrante da brincadeira. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 142, p. 268-289, São Paulo, abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742011000100014>. Acesso em: 14 mar.2015.

EDWARDS, Carolyn. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação na primeira infância. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

EHRENBERG, Mônica Caldas. A linguagem da cultura corporal sob o olhar de professores da Educação Infantil. **Pro-Posições**, v. 25, n.1, p. 181-198, Campinas, abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072014000100010>. Acesso em: 19 mar. 2015.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da Educação Infantil. **Educação e Sociedade**, v. 20, n. 69, p. 60-91, Campinas dez. 1999.

_____. **O coletivo infantil em creches e pré-escolas**: falares e saberes. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Políticas de regulação, pesquisa e pedagogia na Educação Infantil, primeira etapa da educação básica. **Educação e Sociedade**, v. 26, n. 92, p. 1013-1038, Campinas, out. 2005.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (Orgs.). **Linguagens infantis**: outras formas de leitura. Campinas: Autores Associados, 2009.

GIRAO, Fernanda M.; BRANDÃO, Ana C. P. Produção coletiva de textos na Educação Infantil: o trabalho de mediação docente. **Educação**, v. 30, n.3, p. 121-152. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v30n3/v30n3a06.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

GOBBI, Marcia A. Conhecimento histórico e crianças pequenas: parques infantis e escola municipal de Educação Infantil. **Educação**, v. 28, n. 2, p. 203-224, Belo Horizonte, jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000200010>. Acesso em: 27 fev. 2015.

GOBBI, Marcia Aparecida. As Múltiplas linguagens de meninos e meninas na Educação Infantil. In: **I Seminário Nacional Currículo em Movimento Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte: UFMG, v.1, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko M. O primeiro jardim-de infância público do Estado de São Paulo e a pedagogia froebeliana. **Educação & Sociedade**, ano XVII, n. 56, dez.1996.

KRAMER, Sônia (Org.). **Com a pré-escola nas mãos** - uma alternativa curricular para a Educação Infantil. 14. ed. São Paulo: Ática, 2009.

KUHLMANN JR, Moysés. **Infância e Educação Infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LIMA, Telma C. S. de; MIOTO, Regina C.T. Procedimentos metodológicos na construção de conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.10, n. especial, p. 37-45, 2007.

LIRA, Aliandra C. M.; MATE, Cecília H. Jogos e brincadeiras nas práticas pedagógicas na Educação Infantil: entre o dito e o escrito. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 1, p. 5-19, jan. /abr. 2013. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol13iss1articles/lira-mate.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

MARQUES, Hivi de C. R.; BARROCO, Sonia M. S.; SILVA, Tânia dos S. A. da. O ensino da língua Brasileira de sinais na Educação Infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na psicologia histórico-cultural. **Revista Brasileira Educação Especial**, v. 19, n. 4, p. 503-517, Marília, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382013000400003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 26 abr. 2015.

PEREIRA, Rita. M. R., O menino, os barcos, o mundo: considerações sobre a construção do conhecimento. **Currículo sem Fronteiras**, v. 10, p. 38-54, 2010. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss2articles/pereira.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

PINAZZA, Mônica. **A pré-escola paulista à luz das ideias de Pestalozzi e Froebel**: memória reconstituída a partir dos periódicos oficiais (1890-1930).

Tese. (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

PORTO, Patrícia de C. P. Educação, literatura e cultura da infância: compreendendo o folclore infantil em Florestan Fernandes. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 126, p. 129-141, mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302014000100008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 11 abr. 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia; MARIANO, Carmem L.S. A convenção internacional sobre os direitos da criança: debates e tensões. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n.141, p. 693-728, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742010000300003>. Acesso em: 4 fev. 2015.